

Revista Adventista

Orgão Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

AGOSTO/1981



Seja um exemplo
Contagiante

Pág. 4

Instrução
ou Educação

Pág. 9

O Espírito
de Perdão

Pág. 13

Mundanismo

Pág. 14

Ameaça à
Liberdade
de Consciência

Pág. 16

O Verdadeiro
Jesus

Pág. 17

Uma partida
à Bola de Neve

Pág. 19

NÃO É FÁCIL ENCONTRAR O PASTOR CERTO

Por: Jean Shaw

- Do seu livro «Please Don't Stand on My Canoe»
- Publicado em «The Ministry»

Tentar comprar um pastor não é exactamente o mesmo que comprar um carro, embora os pastores, tal como os automóveis, tenham vários modelos e estilos.

- Bom dia, minha Senhora, em que posso servi-la?
- Bom dia. Eu gostaria de comprar um pastor.
- Para si, ou para a sua igreja?
- Oh! Para a minha igreja, claro! Eu já sou casada.
- Uhm... Sim... Tem algum modelo em mente?
- Eu tenho aqui uma recomendação da Comissão de Nomeações. Queremos um homem de cerca de 30 anos, culto, com alguma experiência. Bom pregador e professor. Personalidade equilibrada. Sério, mas com certo senso de humor. Eficiente, mas não rígido. Saudável. Capaz de se identificar com grupos de qualquer idade. E, se possível, com voz de tenor.
- Voz de tenor?
- Nós temos poucos tenores no coro.
- Ah! Compreendo. Bem, tem aí uma lista e tanto. Quanto é que pensava gastar?
- A Comissão diz 45.000\$00 — 50.000\$00 o máximo.— Uhm,uhmm... Talvez seja melhor começarmos pela Secção de Saldos.
- Diga-me uma coisa, quanto custa aquele modelo ali na montra?
- Aquele vestido com fato de Príncipe de Gales e botas de camurça cinzenta?
- Sim, esse mesmo. Ele é um verdadeiro sonho!
- Esse é o nosso modelo Princeton 467. Possui diplomas de Dr. em Psicologia e Teologia. Dr. em Teologia. O preço é de 800.000\$00, e casa.
- Livra! Esse é pesado demais para nós. E aquele modelo além?
- Ah! Sim! É uma compra excepcional. É o modelo Fé 502. Tem pouco mais de 30 anos, mas tem uma excelente experiência. Entusiasta. Bom coração. Tem um bom repertório de sermões, dois dos quais publicados no «Líderes Cristãos».
- Minha Senhora, os nossos ministros são fornecidos com penteados à escolha.
- Não me hei-de esquecer deste.
- Deixe-me mostrar-lhe agora o nosso Olímpia 222. Tem quatro anos de desportos na Universidade Argola de Bronze, joga futebol, basquetebol, voleibol e ping-pong. É fornecido com equipamento desportivo completo.
- Que Físico. Ele deve pesar uns 90 Kg!
- Ah! Pois pesa! Leva muito pelo seu dinheiro, se levar este. E pense só no que ele poderá fazer pelos vossos jovens!
- Formidável. E que tal é ele como pregador?
- Bem, tenho de admitir que não é nenhum S. Pedro. Mas não pode querer bons sermões, mais um programa de atletismo a nível geral da igreja!...
- Sim... Acho que não... Mas...
- Deixe-me mostrar-lhe o nosso Fresno 801. Agora sim; temos um pregador. Todos os seus sermões são fantásticos — bem documentados, anedotas copiosas, e todos divididos em três partes. E...é fornecido com uma colecção da Enciclopédia Religiosa sem acréscimo de preço! Compra o conjunto completo por 41.500\$00.
- Mas ele usa óculos de lentes fortíssimas!
- Por mais 11.000\$00 nós pomos-lhe lentes de contacto.
- Não sei. Ele pode estudar demais. Não queremos um homem que fique no seu escritório o tempo todo.
- Claro. E este ministro aqui? Tem experiência administrativa. Foi treinado para operações comerciais na Escola Superior Beatitude. É um adepto de Comitês. Consegue terminar todo o seu trabalho até às 11,30 de cada manhã.
- A sua etiqueta diz que ele é um IBM 400.
- A Senhora é muito observadora. «Innovative Biblical Methods», o que em português quer dizer Novos Métodos Bíblicos. Este homem revitalizará completamente a sua igreja.
- Não tenho muita certeza de que a minha igreja deseje ser revitalizada. Não tem algo menos revolucionário?
- Bem... deseja algo do tipo assistente-social? Temos aqui este modelo Chetto 130.
- O homem de barba? Credo! Nem pensar! A D. Etelvina nunca admitiria tal hipótese.
- Que tal o nosso Empatia 41C? O seu forte é aconselhar. Muito compassivo. Paciente. Bom para pessoas com problemas.
- Toda a gente da minha igreja tem problemas. Mas ele talvez não saísse a visitar novas pessoas. Para falar verdade, nós precisamos de um homem que faça muitas visitas. Bem vê, todos os nossos membros são pessoas muito ocupadas e...
- Sim, sim, compreendo. Deseja um ministro que faça tudo bem feito.
- É isso mesmo. Não tem alguém do género?
- Deixe-me pensar. No nosso quarto de arrumações temos um pastor que foi trocado a semana passada. Um homem excelente, mas avariou após três anos. Se não se importar de levar um modelo em segunda mão, poderemos vendê-lo a um preço reduzido.
- Bem, nós esperávamos encontrar alguém novo em folha. Nós acabámos de redecorar a igreja e queríamos um ministro novo para condizer.
- Claro. Mas com uma reparação ao exterior e um novo fato, este homem ficará como se o tivéssemos acabado de desembalar. Ninguém saberia. Deixe-me trazê-lo para que o veja.
- Está bem. Francamente isto de compras de pastores é uma coisa exaustiva!! É tão difícil encontrar algo que valha o nosso dinheiro. Diga-me uma coisa, dão selos do «Pagaio» com o contracto?
- Oh! Não. Mas se não agradar após seis meses, enviamos uma nova congregação para o resto do ano. Isso geralmente resolve quase todos os problemas.

SUMÁRIO

- Não é fácil encontrar o Pastor certo
- Editorial
- Seja um Exemplo Contagiante
- Quando os Sonhos parecem Destroçados
- Instrução ou Educação
- Porquê tanto Morticínio no Velho Testamento
- O Espírito de Perdão
- Mundanismo
- O nosso Barco é Pequeno
- Ameaça à Liberdade de Consciência
- O Verdadeiro Jesus
- Uma partida à Bola de Neve
- Notícias do Campo

Revista Adventista

Publicação mensal

AGOSTO DE 1981

ANO XLII

N.º 419

Director: J. MORGADO

Proprietária e Editora:



PUBLICADORA ATLÂNTICO

Redacção

e

Administração:

Rua Salvador Allende, lote 18, 1.º

Telefone 251 0844

2686 SACA VÊM CODEX

Execução gráfica:

SANTOS & COSTA, LDA. - artes gráficas
Vale Travelho — 2480 Porto de Mós

Preços:

Assinatura Anual 200\$00

Número Avulso 20\$00

ESTRANGEIRO: além do preço de assinatura, os portes são a cargo do assinante.

Prezados Irmãos:

O mês de Agosto é normalmente dedicado às férias. Férias através das quais os nossos organismos possam refazer energias despendidas durante o ano, em circunstâncias, por vezes, insalubres.

Desejaria chamar a atenção de todos para algumas actividades que têm lugar normalmente neste mês e que são os acampamentos. Uma grande parte da nossa juventude estuda fora das nossas escolas. Sofre toda a espécie de influências nocivas ao desenvolvimento de um carácter cristão equilibrado. Talvez, nalguns casos, não encontrem no lar e mesmo na igreja ambiente para contrabalançar esta situação.

Seria bom que os pais, que tanto amam os seus filhos, os incentivassem para estarem presentes nos acampamentos e também os preparassem para obter desta actividade os resultados que todos desejamos. A vida nos acampamentos tem uma incidência muito especial sob o aspecto físico, mas procura também desenvolver entre os nossos jovens laços de amizade e confraternização que os liguem pela vida fora. Têm também um papel muito especial as actividades de carácter espiritual e, elas são várias.

É, pois, necessário que todos compreendam a finalidade dos acampamentos, que alguns jovens, e mesmo alguns pais, deturpam.

Também se pretende levar a efeito neste verão algumas actividades de Evangelização especialmente na área da saúde e da Escola Sabatina. Cremos que há irmãos e irmãs que estão dispostos a dar a sua colaboração mesmo em actividades fora da sua igreja. Há um grande trabalho a realizar nos vários departamentos da Igreja, que por vezes fica por fazer por falta de braços. A Parábola dos Talentos dá-nos a certeza de que cada um tem em si, por vezes encoberto, algum talento. Talvez que não o desejemos descobrir e pôr em actividade. É mais fácil, mais cómodo, mas o Senhor deixa de fazer por nosso intermédio a obra que Ele gostaria de realizar. Ao pensar nas inúmeras crianças que durante as férias vivem abandonadas nas ruas, vejo quanto podíamos fazer por elas através das Escolas Cristãs de Férias. E que alívio seria para os pais, e que bom seria para a Igreja!

Penso igualmente nos milhares de pessoas que frequentam as praias do nosso País, onde planos de saúde poderiam ser levados a efeito e onde o nome da Igreja poderia levar almas ansiosas pelo encontro da Verdade a buscá-la e a estudá-la.

O tempo de férias poderia ser um tempo maravilhoso para colocar os nossos talentos ao serviço do Mestre, ao serviço da Igreja.

«Alcançar o povo onde quer que esteja e seja qual for a sua posição ou estado, e auxiliá-lo por todos os modos possíveis — eis o verdadeiro ministério. Mediante esses esforços, podeis conquistar corações, e abrir uma porta para o acesso a almas que estão a perecer. Lembrai-vos, em todo o vosso trabalho, que vos achais ligados a Cristo, sendo uma parte do grande plano da redenção.» (*A Ciência do Bom Viver*, pág. 156)

Que o Senhor nos ajude, pois, a cumprir a *nossa* parte no Seu plano da redenção!

Vosso dedicado em Cristo

J. A. Morgado

Seja um Exemplo Contagiante

Que aconteceria se todo o seguidor de Cristo se tornasse um exemplo de bondade, piedade e sacrifício, enfim, um conquistador de almas? O potencial é extraordinário! O poder do exemplo é, provavelmente, a maior força motivadora que se conhece.

Dirigindo-se aos Tessalonicenses, Paulo diz que imitou a Cristo a fim de que a sua vida se tornasse um exemplo, um modelo para outros cristãos.

«Com efeito vos tornastes imitadores nossos e do Senhor...de sorte que vos tornastes o modelo para todos os crentes...porque de vós repercutiu a palavra do Senhor...» (I Tess. 1:6-8).

É impossível resistir ao poder e contágio de um exemplo piedoso. (*Actos dos Apóstolos*, pág. 511). Uma ideia ou um sonho pode afigurar-se impossível, mas pode tornar-se realidade se alguém tomar a iniciativa.

Alguns meses atrás fui convidado para visitar a atractiva Igreja Adventista do Sétimo Dia na lendária Rocky Mountain, estação balneária de Estes Park. Esta igreja é o resultado da visão da parte de alguns; cooperação e participação da parte de muitos; e intrépido trabalho, sacrifício, fervorosa oração e inesperadas dádivas, providenciais de amor. Localizada estrategicamente numa intersecção de duas importantes rodovias que se dirigem ao interior do parque, essa igreja atrai a atenção de muitos que por ali passam, os quais são impressionados pela singela, porém, imponente estrutura de pedra e madeira. O belo local foi escolhido de comum acordo com a Associação de Colorado. De cada uma das janelas podem-se ver os magníficos picos das Montanhas Rochosas.

Essa igreja jamais teria sido iniciada ou terminada sem a visão, determinação e entusiasmo do Dr. Russell Hansen e sua esposa. Hoje, aposentado, este dedicado médico serviu durante muitos anos como integrante do pessoal médico do Hospital Adventista de Boulder.

Há nessa igreja uma série de características incomuns, mas desejo relatar-lhes apenas uma, nesta oportunidade: o parapeito em volta do púlpito. Trata-se de uma filigrana de ferro, com cerca de 85 cm

de altura. Contém uma poderosa mensagem em símbolos e palavras gregas. Algo encantador! Tal obra foi desenhada por Avery Dick, professor de Bíblia aposentado, que agora é pastor dessa igreja. Mediante o significado dos símbolos e das palavras gregas do Novo Testamento, o parapeito relata-nos a história do primeiro e segundo adventos de Cristo.

No alto do primeiro painel do parapeito, acham-se as palavras Pão e Peixe — primeiros símbolos usados por Cristo. Tomando a palavra grega para peixe, os cristãos a usavam como acróstico para representar «Cristo, Filho de Deus e Salvador». Abaixo da figura do peixe, aparecem duas pombas simbolizando o Espírito Santo que desceu sobre Cristo por ocasião do Seu baptismo, dando-Lhe poder para exercer o seu ministério.

A atenção do observador é especialmente focalizada numa Bíblia aberta contendo as palavras gregas Alfa e Omega, para comunicar a verdade de que a encarnação de Cristo liga o Velho e o Novo Testamentos. Então aparecem os painéis sobre a crucifixão e a ressurreição. Admiravelmente desenhados, vêm-se dois cálices e dois pratos com pães. Ao centro existem três cruces e, em cada uma das extremidades, lírios da Páscoa, que falam da expiação e ressurreição no Calvário. Em cada extremidade há duas pombas voando, conduzindo um ramo de oliveira, realçando a verdadeira paz cristã.

Outro painel apresenta duas Bíblias abertas, dando a ideia de que o evangelho deve ser levado a todo o mundo. Abaixo das Bíblias, acham-se acesas as lâmpadas das virgens, e, dominando este significativo painel, vêm-se raios de luz representando a maneira da vinda de Cristo.

Finalmente, uma mensagem impressiva é registrada por seis trombetas, significando a segunda vinda de Jesus e a ressurreição dos justos mortos. Duas foices representam a colheita da Terra, com trigo e uvas simbolizando os salvos e os perdidos, e ao centro acha-se a palavra «Maranata», saudação primitiva que em aramaico quer dizer «o Senhor Vem».

O leitor pode antecipadamente imaginar que eu estava mais do que influenciado pelo que vi, mas muito mais ainda pelas vidas de indivíduos que podem tornar possível o que muitos acham ser impossível. Permaneci ali em silenciosa meditação e renovei o meu concerto com o Senhor. Tocado pelas circunstâncias, pedi por auxílio do Céu a fim de que pudesse ser a espécie de exemplo que produz resultados positivos na vida de outras pessoas.

Por que não procuramos nós ter uma visão de algo que precisa ser feito para Deus e a Sua Obra?

Faça de 1981 o maior ano na conquista de almas e no evangelismo. Você vai surpreender-se ao descobrir o que poderá acontecer quando estiver em sociedade com Cristo!



NEAL C. WILSON

Presidente
da Conferência Geral

Quando os Sonhos parecem Destroçados

**Nas horas mais escuras,
Jesus pode transformar os problemas
em bênçãos e as tragédias
em triunfo**

Depois de havermos sobrevivido a três massacres e escapado das revoluções turca e balcânica, quando mais de três milhões de armênios perderam a vida durante a 1ª Guerra Mundial e nos anos que se seguiram, meus pais, duas irmãs e eu mesmo chegámos a Nova Iorque. Chorámos de alegria quando vimos a estátua da liberdade. Era como se ela pairasse sobre nós protegendo-nos como se fôssemos orfãos.

Na cidade de Nova Iorque a Cruz Vermelha nos disse que poderia adquirir para nós passagens de comboio e enviar-nos para o «Armenien Heaven» (Céu dos Armênios) — Fresno, Califórnia, a capital das uvas e das passas.

Assustados, sem um níquel, destituídos de tudo, estávamos desesperadamente solitários. É indescritível o pânico que se apoderou de nós quando nos vimos dentro do comboio. Finalmente, após seis dias de viagem, parecia-nos que havíamos chegado a um mundo perdido quando desembarcámos em Fresno. Era um dia quente de Agosto. O sol parecia-se com dardos de fogo. A Cruz Vermelha Americana veio ao nosso encontro e tratou-nos com muita bondade. Deu-nos água fresca e sanduíches e levou-nos de seguida para a vindima de uvas. No dia seguinte toda a nossa família estava empenhada na vindima. Encontrámos outros armênios. Conversámos, sorrimos, comemos, orámos, cantámos, lemos as nossas Bíblias e adorámos a Deus.

A vindima era um trabalho cansativo, penoso, nesses dias quentes; usávamos roupas adequadas à colheita, e para nós era como se estivéssemos realmente no Céu. Estávamos «livres» afinal. Cada manhã ao sairmos para o trabalho recitávamos alto

no caminho a doxologia em arménio: «Deus louva de onde nos vêm todas as bênçãos».

O nosso pai era sempre providente, bom provedor. Encontrou uma pequena cabana que alugou por três dólares por mês. Mudámo-nos para ela. Em breve, como resultado do toque mágico da nossa mãe, ela nos pareceu um palácio. Ela cobriu o chão de terra com um tapete feito de sacos de juta. Com amorável humor ela nos lembrava que pisássemos com cuidado no nosso belo tapete oriental. O Céu estava na nossa habitação. O nosso copo transbordava. Que paraíso ter o nosso próprio lar!

Em meio da nossa grande alegria, de repente eu fiquei seriamente enfermo, acometido de pneumonia dupla. A minha temperatura subiu a mais de 40 graus. Eu delirava a maior parte do tempo. O médico declarou-me sem esperança de cura. Mas o meu pai tinha forte fé. Disse ele: «Não há essa coisa chamada sem 'esperança' para Deus. Ele nos salvou dos massacres, e pode curar o meu filho da sua enfermidade». Um amigo levou o meu pai até um pastor adventista, o Pastor Olmstead. Nesse tempo H. M. S. Richards estava a dirigir uma série de reuniões evangelísticas em Fresno. Os dois pastores entraram na nossa humilde cabana, leram as promessas de S. Tiago 5, e ajoelharam-se no chão rústico da nossa cabana. O Pastor Richards disse, usando um intérprete: «Antes de orar, eu gostaria de fazer-lhe algumas perguntas. Primeiro aceitará você a Jesus como seu Salvador pessoal? Segundo, quando Deus o levantar do leito, está disposto a ser baptizado e deixar que Deus controle a sua vida? Terceiro, está pronto a ser uma testemunha viva do poder de Deus e ser um obreiro na Sua causa se Ele o chamar?» Jesus entrou no nosso rancho. Eu estava muito doente, mas respondi sim às perguntas do pastor. Então algo doce e cálido — um Santo conforto — caiu sobre o meu corpo ao ser eu ungido.

Então aconteceu o milagre. Eu estivera inconsciente antes, mas agora a minha temperatura baixou. Poucos dias depois eu estava a andar. Dentro de três semanas estava de novo a vindimar com a minha família, ajudando-a no seu orçamento. As palavras do Pastor Richards ficaram ardendo no meu coração. O nome de Jesus adquiriu novo poder e novo significado para mim. O amor de Cristo constrangeu a minha alma. Em breve fui baptizado e me tornei membro da Igreja Adventista do Sétimo Dia na cidade de Fresno, Califórnia.

Nesse tempo os Estados Unidos estavam passando por uma séria depressão. O meu inglês era

J. H. APIGIAN

Dois anos depois de haver oferecido este artigo para publicação e após corajosa luta, o Pastor Apigian foi para o descanso, dormiu nos braços do Salvador que ele tanto amava.

pobre e muito limitado. Eu tinha grande desejo de ir para um Colégio Adventista do Sétimo Dia, mas era vítima de extrema pobreza. Por toda a parte havia pessoas sem trabalho, e os que conseguiam algum trabalho estavam ganhando um salário baixíssimo.

Após algum tempo de concentrado estudo de inglês, deixei o lar rumo a Hanford, Califórnia, em busca de trabalho na fábrica de frutas de conserva Del Monte. Havia mais de 200 pessoas aglomeradas em frente ao portão, todas esperando trabalho. No caminho para o almoço encontrei Mack, o encarregado da plantação. Apresentando-me, disse-lhe que eu era estrangeiro e desejava ir para o colégio. Eu seria o melhor obreiro se ele me desse uma oportunidade de trabalhar. Naqueles dias não havia sindicatos de trabalhadores em indústrias do tipo desta. As pessoas trabalhavam às vezes 12 a 16 horas por dia durante os sete dias da semana.

Bem, Mack deu-me trabalho. Eu tinha de alcançar uma produção bem elevada na colheita de pêsegos por hora. Eu ficava exausto, mas sentia-me feliz. Finalmente chegou a Sexta-feira. Eu estava quase a entrar em colapso. Quando Mack se aproximou, eu disse-lhe: «Eu sou Adventista do Sétimo Dia; guardo os mandamentos de Deus, e as Escrituras dizem que o sétimo dia da semana é o sábado do Senhor, o qual eu devo santificar. Não posso trabalhar durante as horas do Sábado, que vão do pôr do sol de Sexta-feira até ao pôr do sol de Sábado».

Mack respondeu acremente: «Você é adventista e eu sou católico. Enquanto Deus produzir frutos cada dia, o que devemos fazer é colher cada dia».

«Mas sr. Mack», aduzi, «estes pêsegos estão muito verdes. Eles podem esperar 24 horas. Quando chegar o Sábado eu não estarei aqui. Estarei guardando o dia que Deus ordenou. Sr. Mack, eu estarei aqui no Sábado à noite. Trabalharei toda a noite de Sábado e todo o dia de Domingo; o senhor sabe que eu sou o melhor colhedor que já contratou. Não bebo. Não fumo. Não mato o tempo. O senhor precisa de um homem como eu.»

Mack saíu praguejando. Pouco depois voltou, entregou-me o cheque, e disse: «Está despedido. E saia imediatamente antes que eu o expulse.»

Ao retirar-me voltei-me e disse: «Muito obrigado, sr. Mack. O senhor tem sido muito bom para comigo. Eu lhe agradeço, e estarei orando pelo senhor.»

Entrei na minha tenda e caí exausto sobre o leito. Dormi até Sábado de manhã. Então levantei-me, tomei a minha refeição matinal, vesti-me e fui para a igreja. Senti-me como estando num ajuntamento de anjos. Os membros da igreja de Hanford foram muito gentis. Recebi quantidades de convites para comer em casa deles. Sentia-me tão faminto que tinha vontade de aceitar cada um desses convites. E comi como um «arménio faminto».

No final do Sábado, após haver feito o meu culto de pôr-do-sol, vesti a minha roupa de trabalho e voltei para falar com Mack. Como ainda tinha o

meu cartão para entrar na fábrica, não tive problema quanto a isso. Quando Mack me viu, tornou-se num vulcão de ira. Então eu lhe disse: «sr. Mack, o senhor é um homem bom demais para praguejar do modo como o faz. Eu orei pelo senhor. Não tome o nome de Jesus em vão. Ele é um bom Salvador. Jamais fere a quem quer que seja. Sr. Mack, eu sou o melhor trabalhador que o senhor tem. O senhor precisa de mim. Estou pronto para retornar ao trabalho. Por favor dê-me uma oportunidade. O senhor é um dos poucos amigos que tenho na América. E se o senhor não me der trabalho, não terei oportunidade de fazer bem.»

Lágrimas lhe corriam dos olhos quando ele olhou para mim e disse: «Joe, vá para o trabalho.»

Nunca mais tive qualquer problema. Consegui promoção após promoção. Mack confiou-me algum trabalho de grande responsabilidade na Del Monte. Aprendi que não podemos estar errados quando ficamos firmes ao lado de Jesus e Sua verdade. Ganchei dinheiro suficiente para pagar todo o meu curso nos colégios adventistas. Deus estava sempre adiante de mim, sempre na vanguarda, provendo a todas as minhas necessidades. Mack chamava-me sempre de seu «pregador na Del Monte». Quando deixei a indústria, ele pôs o braço em torno de mim e chorou como criança.

Quando fui para o colégio, os membros da faculdade acharam que era um desperdício de dinheiro eu estudar para o ministério. Lembraram-me que o meu mau inglês era um obstáculo. E fizeram-me saber também que em virtude da depressão económica o campo não poderia assalariar mais pessoas para o ministério. Entretanto, eu estava decidido, e ninguém — nem coisa alguma — poderia impedir-me de alcançar o meu alvo. Providencialmente, a Associação de Nebraska deu-me uma oportunidade de começar no ministério numa base limitada de manutenção própria. Que trabalho! Que santa aventura! Finalmente eu estava a trabalhar na vinha de Deus! Nunca me senti mais feliz. Anunciei as minhas reuniões evangelísticas no jornal, incluindo no anúncio informações sobre a minha pessoa, explicando que era da Turquia e tinha vindo para a América a fim de pregar o evangelho eterno da Bíblia. As pessoas ficaram curiosas. Ficaram a indagar-se se as coisas iam tão mal na América que era necessário que viesse um pregador da Turquia para anunciar o evangelho. Não tive nenhuma dificuldade em conseguir grande audiência, apesar do meu pobre inglês. Às vezes o auditório ria de mim, mas continuavam a vir.

Por meio da «loucura da pregação» eu era capaz de exaltar o Cristo da Bíblia. Pessoas sinceras aceitaram a bendita mensagem do advento. Não demorou muito e fui nomeado evangelista da Associação de Nebraska, tendo sido ordenado para o santo ministério. Segui o conselho do Espírito de Profecia de jamais parar de levar pessoas a Cristo. O Espírito Santo pode tomar uma pobre personalidade, com um mau inglês, com falta de experiên-

cia, e operar milagres por meio dessa pessoa, como aconteceu comigo, desde que Lho permitamos.

Por todos os lugares do meio-oeste do Estado de Nebraska preguei o evangelho, e almas responderam à bendita esperança.

Logo depois que iniciei o trabalho evangelístico tive de viajar para Lincoln a fim de falar com o presidente da União Central. No escritório encontrei a sua secretária. Ela era como que cinzelada em mármore de encanto e amabilidade. Eu lhe disse que havia encontrado um anjo, e ela era esse anjo. Cásamos. Juntos trabalhámos no ministério durante 41 anos.

Vale a pena ser cristão. A vida é povoada de emoções que parecem nunca ter fim na obra de Deus. Eu relutava em tirar férias, porque temia perder algum dos milagres de Deus. Empenhei-me no ministério do evangelismo pastoral em Nebraska, no Wyoming, no Colorado, Idaho, Oregon, Washington, e Califórnia, e construí igrejas e escolas. Que inapreciável glória ser chamado e usado por Deus!

A última igreja que construí foi um verdadeiro desafio — uma pequena congregação construindo uma igreja nova no alto do *Rolling Hills Estates*, na Península de Palos Verdes na Califórnia, sobrelevando-se à Baía de Santa Mónica, Bacia de Los Angeles, e a Praia de Long Beach, com as majestosas montanhas nevadas à distância. Era difícil. Era dispendioso. Mas aquela congregação tinha o coração tão grande como este mundo. Tinham a inquebrantável fé de que Deus moveria montanhas, o que realmente aconteceu.

Os membros da igreja de Rolling Hills foram tão dedicados, tão devotados e de tão grande espírito de sacrifício, que trabalhando duramente, me levaram a dar mais do meu próprio dinheiro do que na realidade eu poderia. Demos «hilarantemente» (significado grego de «alegremente» em II Cor. 9:7) para a edificação do santuário do Senhor. Quando a igreja ficou pronta, ninguém tinha ficado mais pobre. Ninguém pode suplantar o Senhor em matéria de dar. Como resultado, hoje se encontra lá a mais

bela casa de culto com uma capacidade de 400 lugares.

Quando chegou a idade em que eu devia entrar na reforma, os membros da igreja de Rolling Hills presentearam-me com uma viagem de recreio às Ilhas Havaí — vantagem esta da qual não puderam desfrutar ainda. A despeito do seu amor e generosidade, senti-me profundamente deprimido e como que perdido. Parecia que a minha vida tinha de súbito chegado ao fim.

Quando recebi o meu primeiro cheque de pagamento da Associação Geral como obreiro reformado, sentei-me e chorei. Disse à minha esposa que eu estava doente por dentro, e ia sair para dar um longo passeio. Helena queria ir comigo, mas eu disse-lhe que desta vez eu queria ir sozinho. Andei, falei com Deus, e argumentei com Ele. Eu não estava pronto para parar. Disse ao Senhor quanto eu O amava, mas que estava também revoltado. Quis saber d'Ele por que me despedira do trabalho. Eu não queria o «cheque de manutenção» (cheque de reformados) a menos que pudesse continuar a trabalhar para ganhá-lo. Senti-me como que devolvendo esse cheque.

Enquanto eu estava a caminhar e orando, uma serena e doce paz tomou posse da minha alma. Em palavras que nenhum mortal pode ouvir o Senhor me assegurou o Seu amor. Eu podia ouvi-l'O a dizer: «Estai quietos, e sabei que Eu sou Deus.»

Dois dias depois, Harold Calkins, presidente da Associação Sul da Califórnia, pediu-me que fosse vê-lo. Eu corri ao seu escritório, e ele me disse que a Associação estivera tendo sérios problemas com uma determinada igreja e finalmente tiveram de fechá-la.

Agora eles queriam reabrir a igreja e haviam decidido convidar-me para ser o seu pastor na base de salário complementar de pastor reformado, conforme é a praxe, e que eu devia construir uma nova congregação. Era-me difícil crer que um pastor reformado tivesse tão honroso convite e tão forte desafio. Agradei a Deus por Ele fazer de mim ainda

LIVRARIA DA IGREJA ADVENTISTA

ESTAS, E MUITAS OUTRAS
OFERTAS SENSACIONAIS

Saiba viver melhor!
certifique-se desta afirmação.

- LIVROS MAGNÍFICOS
- CARTÕES POSTAIS
- DISCOS
- CASSETES
- JOGOS BÍBLICOS



Para si e seus filhos

à Rua Joaquim Bonifácio, 17 LISBOA

que fosse um simples porteiro na Sua casa. No dia seguinte visitei a igreja. O interior deste prédio tinha sido deixado em desordem. Era uma confusão e precisava de limpeza completa, renovação e muito carinhoso cuidado. Ajoelhei-me e pedi orientação a Deus e sabedoria para reunir o rebanho disperso.

Recomeçamos com um pequeno grupo. Este prosseguiu crescendo. Em breve havia mais de 100 pessoas frequentando-a. Dois meses depois o pastor Calkins veio e reorganizou a igreja. Depois disto ela continuou a crescer. O dízimo começou a fluir para o tesouro do Senhor. Ofertas missionárias entravam em dilúvio vindo de amoráveis corações adventistas. A congregação sentiu que, uma vez que viviam em lares confortáveis, queriam que o santuário de Deus também fosse belo, e abriram o coração e as bolsas para este fim. Esses membros tornaram-se jóias preciosas para mim. Tinham passado por ardente prova. Tinham testemunhado o declínio e a queda da sua igreja e o seu final abandono. Agora rejubilavam-se com um amor que não podia ser quebrado — o amor da fé adventista que havia mudado o seu desespero em segurança e confiança no movimento de Deus.

Em meio de tamanho regozijo, de repente, eu percebi que a minha saúde estava a debilitar-se rapidamente. Num Sábado em que eu e a minha mulher estávamos a almoçar na casa de um médico, eu disse-lhe que não me sentia bem. Então ele me informou que sendo médico ortopedista, o melhor que poderia fazer era recomendar-me a um outro médico, que era também membro da nossa igreja. Infelizmente, antes que este médico pudesse completar os meus exames, teve de se afastar por motivos de saúde. Entretanto, marcou para mim uma consulta com outro médico, e este completou os testes. Quando o resultado chegou, disse-me com amorável simpatia cristã que eu estava realmente muito doente. E proferiu a terrível palavra: *cancro*.

Eu não tive medo, nem fiquei assustado. O temor de Deus havia destruído em mim todos os outros temores. Disse ao médico que tudo quanto eu precisava era de mais seis semanas para concluir o meu trabalho, mas ele disse-me que não havia tempo a perder. Marcou de imediato uma cirurgia. De novo os meus sonhos estavam despedaçados. O meu mundo entrara em colapso. Era este o golpe mais duro que eu já havia suportado. Foi-me difícil devolver o trabalho à igreja que eu tanto havia amado. Fui levado para o Hospital Adventista de Glendale em condições críticas. Amorável cuidado me foi dispensado ali pelas enfermeiras cristãs. O meu quarto parecia uma floricultura. Os membros das igrejas que eu havia servido nos últimos anos de ministério enviavam-me flores, cartões, telefonemas, faziam-me visitas e por mim oravam. Por trás das flores e cartões eu via a face do povo de Deus orando por mim. Jamais poderei agradecer a Deus o bastante por termos uma família — os membros da igreja — tão leal, compassiva, devotada. Eles organizaram um círculo de oração em meu favor.

Quando a manhã da cirurgia chegou, Lawrence Winn, meu amigo mais íntimo dos dias de colégio, fechou o seu consultório médico em Sacramento. Ele e a sua esposa correram para estar com Helena e comigo durante a cirurgia.

O diagnóstico foi confirmado. Se fosse da vontade de Deus, ser-me-ia dada uma oportunidade de lutar para viver. Com tantas orações, telefonemas e cartas dos Estados da União a minha coragem e fé alcançaram o máximo das alturas em força. Agora curvo-me diante de um Deus amorável que nunca comete um erro. Um médico afirmou que, à parte do que Deus fizesse por mim, eu estava perigosamente mal. Eu disse então ao médico que não estava à parte de Deus — que tenho estado sempre com Ele; portanto, tinha o direito de reclamar as Suas promessas. Estes têm sido dias de profundo exame da minha alma. Tenho tido tempo de limpar o caminho para o Rei. Foi uma imorredoura experiência quando os Pastores H. M. S. Richards, pai e filho, vieram visitar-me ao hospital e oraram por mim. Fui levado de volta ao tempo em que o Pastor Richards me havia ungido no meu pobre rancho e o Senhor me restabeleceu.

Uma noite, uma jovem enfermeira a quem não reconheci veio ao hospital, quando eu estava ainda com grande dor, e tomou a minha mão. Perguntei-lhe se era uma das enfermeiras da minha unidade. Ela respondeu que havia recebido um chamado telefónico dos seus pais, aos quais eu havia baptizado em Nebraska quando ela era ainda garotinha. Eles haviam pedido à filha que viesse ao meu quarto e orasse em meu favor. Ela o fez com ardentes lágrimas.

Um punhado de anos atrás li um artigo na *Review and Herald*, o qual jamais esqueci. Tiago White estava ficando rapidamente enfraquecido, e não se esperava que sobrevivesse. Parte do tempo ele vivia em coma. Ellen White quietamente entrou no quarto, parou junto ao seu leito e pôs gentilmente a mão na sua face. Ela se curvou sobre ele e perguntou: «Tiago, Jesus é precioso para ti?» Tiago susmurrou em resposta: «Sim, Ele é muito precioso.»

Aquelas palavras arderam no meu coração: «É Jesus precioso para Ti?» Nas horas mais tenebrosas Ele é capaz de transformar as lutas em bençãos, a tragédia em triunfo. Sou-lhe grato por cada um dos dias da minha vida. Ele me é muito precioso. Cada manhã quando me levanto digo: «Grato, Senhor. Hoje estou me aprontando para ir para o Céu.»

O Deus que veste os lírios do campo é o mesmo Deus que é nosso Salvador pessoal. Ele viveu aqui. Experimentou as nossas dores, agonias e angústias. Sabe quanto ferem. Está interessado em cada um de nós. Sinto-me como que honrado em deixar o meu futuro nas Suas mãos eternas. A despeito das nossas faltas e da falácia do nosso amor para com Ele, o Senhor nos ama. Assim como o médico opera como que agredindo para promover a cura do corpo, Deus trabalha agressivamente para nos salvar a todos nós.

Instrução ou Educação

Uma característica saliente do nosso século é o esforço do homem por alcançar, a todo o custo, o maior grau possível de polimento intelectual, em detrimento, muitas vezes, da verdadeira educação: a da alma.

Não negamos que a cultura intelectual seja de grande importância. Ela tem, com efeito, o seu lugar no processo de educação de um povo. Mas esta educação nunca será completa enquanto o seu objectivo for simplesmente instruir.

«Educar» deriva do latim «educare» que significava, originalmente, «alimentar», «criar». Quer dizer que a educação autêntica deve ter por objectivo primário a formação do homem, segundo todos os aspectos da sua natureza e no equilíbrio do respectivo valor dos vários aspectos físico, intelectual e espiritual: unidade psicossomática do homem. Usando a definição magistral do Espírito de Profecia, a educação visa o desenvolvimento harmonioso destas três faculdades.

O que acontece, porém, é que se procura, nos nossos dias, dar ao intelecto o primado sobre todos os outros aspectos da educação. Desta forma, produzem-se grandes eruditos. A estes se referia o Apóstolo S. Paulo quando afirmava: «dizendo-se sábios se tornaram loucos».

Em seguida, na escala de valores concebida pelo homem, vem a educação física. Assim se fabricam grandes atletas mas nunca verdadeiros cristãos.

Relegada para o fim, quando não completamente ignorada, vem a educação espiritual. No entanto, é este o complemento que dá o natural remate à formação do homem.

Estas várias espécies de educação não se devem jamais isolar, mas devem integrar-se numa só unidade educacional.

Às vezes, comete-se o erro de pensar que quanto mais instruída for uma pessoa melhor elemento será para a sociedade. Mas isto nem sempre é rigorosamente verdade. Um criminoso instruído é mais de temer que um criminoso analfabeto. É que, como dizia alguém, «funcionando sozinho, o intelecto é capaz de produzir monstros». Realmente, só a educação fundamentalmente bíblica aliada a uma sã formação intelectual e física poderá produzir homens educados segundo o modelo divino.

A instrução poderá ser suprida por qualquer escola, mas a educação espiritual, a única que forma o carácter para o presente e para o futuro, só pode ser obtida no lar e numa escola cristã. A instrução procura, simplesmente, inculcar noções de coisas, ao passo que a educação completa leva convicções à alma e afecta directamente a formação do carácter. A instrução, em geral, não vai além do intelecto, mas a educação deve e necessita alcançar o coração e a mente.

Sob certo aspecto, educar é uma arte. S. Tomás de Aquino comparou a arte de educar à do médico: «o médico procura estimular, orientar e auxiliar o dinamismo biológico a fim de que o doente adquira o equilíbrio da saúde; assim, o educador deve esforçar-se por atingir o pleno e harmónico desenvolvimento de todas as virtualidades da natureza humana».

O Apóstolo S. Paulo, escrevendo a respeito do poder do Evangelho para converter o coração e erguer o homem, reconhecia na força espiritual alguma coisa inteiramente chocante para a cultura grega. Mas para Paulo, o Evangelho era «poder de Deus e sabedoria de Deus» (I Cor. 1:23, 24).

É curioso constatar que não são os países menos desenvolvidos os mais atingidos pela delinquência juvenil. Daqui se infere, pois, que a instrução não basta. A falta de educação religiosa está na base da destruição de muitas vidas.

Pesa sobre a Igreja Adventista do Sétimo Dia uma tremenda responsabilidade. A Igreja tem o dever de promover a educação completa, porque a ela foi confiado o mandato de anunciar a todos os homens o caminho da salvação, de manter e de alimentar nos crentes a vida espiritual, colaborando na promoção da perfeição integral da pessoa humana, e de preparar homens e mulheres para a cidadania do Céu.

Diz Ellen White: «A educação não é simplesmente a conquista de um diploma após uma longa jornada de estudos; educar é preparar para esta vida e para o Céu».

Desde o seu início, o Movimento Adventista se debateu com sérios problemas. Em 1840 surge a Teoria da Evolução com o naturalista e biólogo inglês Charles Darwin. Havia necessidade de que fossem fundadas escolas onde os jovens adventistas pudessem receber uma educação integral e livre das escórias do pensamento materialista. O problema era a falta de meios.

Em 1899, Ellen White dizia na sua carta 108: «Pesadas responsabilidades serão colocadas sobre os ombros da juventude; as escolas regulares preparam os

jovens para este mundo, enquanto que nós preparamos para a cidadania do Céu».

A Igreja era pequena e pobre e não podia manter escolas porque escasseavam os fundos com que pagar os salários. Mas, nesta mesma carta, Ellen White disse que em cada lugar onde houvesse uma igreja, pequena ou grande, uma escola deveria ser fundada.

Entre 1856 e 1860 fizeram-se modestas tentativas em Battle Creek para estabelecer uma escola particular, dirigida por Luiza Morton e F. Byington. É então que surge o nome de G. M. Bell que foi o verdadeiro fundador da nossa obra de educação. Ele começou a ensinar as crianças, a princípio, numa casa vizinha do Sanatório de Battle Creek, em 1868.

Em 1872, quando havia pouco mais de 500 Adventistas do Sétimo Dia em toda a América do Norte, Bell funda uma escola de igreja e colégio com 12 alunos. Logo a seguir o número de alunos

passou de 12 para 25 e, um ano mais tarde, para 50. Em 1882 um outro colégio era inaugurado, o futuro Pacific Union College. Em 1895 já havia 12 colégios e 15 escolas de igreja, com cerca de três mil alunos.

Em 1976, a Igreja Adventista possuía quase quatro mil escolas de igreja, cerca de 200 colégios e universidades, com um total de 20 mil professores e mais de 400 mil alunos.

A palavra «Bell» — nome do verdadeiro fundador da obra de educação adventista — significa «Campainha» ou «Sino». Um sino que repenica continuamente aos nossos ouvidos, como sinal de alarme. Os crentes daquele tempo não tinham os meios de que dispõe a Igreja nos nossos dias. Mas eles possuíam algo que nós, infelizmente, temos pouco hoje: FÉ.

Oremos com os discípulos e digamos: «Senhor, aumenta-nos a fé». E, com fé, teremos mais escolas, melhor educação.

RUBEM M. SCHEFFEL

Porquê Tanto Morticínio no Velho Testamento

Um incidente, aparentemente insignificante, ocorrido na minha infância, parece ter ficado gravado na minha memória: A minha família estava reunida à volta da mesa para o culto matutino. O meu pai tomou a Bíblia e começou a lê-la. Ao ler determinado texto, parou. Após alguns instantes, em silêncio, abanou a cabeça perplexo:

— Eu não entendo — disse ele. — Não consigo entender como é que um Deus de amor pode ter feito uma coisa destas: mandar matar homens, mulheres, crianças de peito, e até mesmo animais! O mesmo Deus que no Sinai disse aos filhos de Israel «Não Matarás», agora é quem lhes ordena que matem, que passem ao fio da espada todos os seus inimigos. Se a ordem fosse apenas eliminar os homens de guerra, eu não teria problemas. Mas incluir nessa matança as mulheres, as inocentes crianças e também os pobres animais, é algo que não entra na minha cabeça!

À semelhança do meu pai, muitos cristãos ainda hoje se fazem estas mesmas perguntas: É Deus sanguinário? É ele incoerente? Se não, como explicar as matanças por Ele ordenadas nos tempos do Velho Testamento?

Em I Samuel 15 temos um desses textos que têm causado perplexidade a muitos. Samuel dirigiu-se a Saul com a seguinte mensagem divina: «Assim diz o Senhor dos Exércitos: Castigarei a Amaleque pelo que fez a Israel; ter-se oposto a Israel no caminho, quando este subia do Egito. Vai, pois,

agora e fere Amaleque, e destrói totalmente tudo o que tiver; nada lhe poupes, porém matarás homem e mulher, meninos e crianças de peito, bois e ovelhas, camelos e jumentos.» (Versículos 2 e 3).

Em Josué capítulo 6 temos o relato da destruição de Jericó. Também nesse caso a destruição foi completa: «Tudo quanto na cidade havia, destruíram totalmente ao fio da espada, assim o homem como a mulher, assim o menino como o velho, também o boi, as ovelhas e o jumento.» (Versículo 21).

Para que possamos entender o plano de Deus com respeito aos factos expostos e que aparentemente contradizem o Seu carácter, analisemos os seguintes aspectos:

No nosso mundo, o rebelde que luta contra o governo, é em certos países condenado à morte. A comparação pode ser grosseira, mas assim como um governo terrestre não se pode estabelecer sem primeiro ter derrotado os seus inimigos, assim também o governo de Deus não pode ter pleno êxito se houver rebeldes. Manter simplesmente os rebeldes sob controlo não é uma solução satisfatória para Deus, pois um mundo ou Universo perfeito não pode admitir a existência de uma área isolada onde existam rebeldes em actividade, fazendo o que bem entendam, blasfemando de Deus, criticando o Seu governo e vivendo para os prazeres. Assim, aquele que peca contra Deus, perde o direito à vida. Este é o primeiro facto que devemos ter em mente.

O segundo facto é que, embora os rebeldes deviam ser eliminados, porque segundo os princípios de justiça perderam o direito à vida, Deus não tem agido apenas segundo as determinações da justiça, como o faria um governo terrestre. Deus também tem demonstrado misericórdia. Em Ezequiel 18:23 temos a declaração de que Deus não tem prazer na morte do ímpio. Em II Pedro 3:9 lemos que o Senhor «é longânimo para convosco, não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento.»

Estas declarações da Escritura afirmando a misericórdia e a longanimidade de Deus para com os pecadores, são tão bíblicas como as declarações divinas ordenando que os israelitas destruíssem os cananeus. Veremos a seguir como harmonizar estes dois factos, aparentemente irreconciliáveis.

Com respeito à destruição dos cananeus executada pelos israelitas, temos duas tarefas diante de nós:

Primeira: provar que os cananeus eram rebeldes perante Deus, justificando-se assim a sua destruição e demonstrando a justiça divina.

Segunda: provar que Deus concedeu aos cananeus tempo e oportunidade de arrependimento, provando assim a misericórdia divina.

Vejamos o primeiro ponto: eram os cananeus rebeldes a Deus?

É um facto histórico que os povos que habitavam as terras a leste do Mediterrâneo eram mais corruptos e depravados do que qualquer outro povo que já viveu na Terra. Eles criaram para si uma religião sensual e idólatra. Praticavam a adoração de serpentes, sacrificavam crianças ao deus Moloque e os seus rituais eram cheios de imoralidade. O capítulo 18 de Levítico apresenta um resumo da rebelião moral dos cananeus, contra a qual os israelitas deviam resguardar-se. O versículo 27 diz: «Porque todas estas abominações fizeram os homens desta terra que nela estavam antes de vós; e a terra se contaminou.»

A imoralidade e a depravação dos cananeus havia descido tão baixo que Deus precisou destruí-los a fim de evitar que corrompessem a moral e a religião dos israelitas, os quais Deus havia escolhido para dar ao mundo os mais elevados conceitos religiosos.

Consideremos agora o segundo ponto: teria Deus concedido aos cananeus oportunidade de arrependimento?

Em Génesis 15 temos a promessa de Deus, feita a Abraão, de que a sua semente herdaria a terra de Canaã. Abraão deve ter ficado consternado ao saber que a sua descendência não entraria imediatamente na posse da Terra Prometida.

Deus revelou-lhe que somente a quarta geração, após quatrocentos anos de escravidão, é que veria o cumprimento da promessa (versículo 13). E por que razão? «Porque não se encheu ainda a medida da iniquidade dos amorreus.» (Versículo 16).

«Os amorreus representam aqui os povos cananeus, pois eram o povo mais poderoso e dominante. Em todo o Velho Testamento não há outro texto que demonstre tão bem a misericórdia de Deus para com os pecadores e o facto de que Ele sempre lhes concede um tempo de graça.» (1)

Que paciência a de Deus! Esperar 400 anos para que a raça mais corrupta da Terra se convertesse dos seus maus caminhos! Mas depois de todo esse tempo, para tristeza divina, os cananeus haviam ido tão longe na sua depravação, que uma reforma se tornou impossível. Eles haviam enchido a medida da injustiça. Havia pecado contra o Espírito Santo e seria inútil continuar a estender-lhes a misericórdia divina. Deus, então, ordenou a sua destruição.

Alguém poderia objectar a esta altura: Porque não esperou Deus para destruí-los no juízo final, juntamente com os demais ímpios? Porquê destruí-los prematuramente?

Vejamos duas ilustrações a fim de podermos compreender melhor este ponto: Suponhamos que numa família, uma parte dos filhos seja obediente às ordens do pai, enquanto os demais filhos são rebeldes e desrespeitosos para com a autoridade paterna. Os filhos rebeldes recebem as mesmas dádivas que os outros: alimento, vestuário, abrigo, lazer, etc. Mas não são gratos por isso: acham que é apenas uma obrigação paterna. E nada fazem por merecer tais dádivas. Pelo contrário conduzem-se orgulhosamente e mostram desprezo por tudo o que recebem.

O pai, naturalmente, observa todas essas atitudes desrespeitosas dos seus filhos desobedientes. Mas ele os tolera. Com o passar do tempo, os rebeldes vão ainda mais longe: procuram induzir também à rebelião os filhos bons e obedientes.

Então, a dignidade e autoridade do seu pai são chamadas à acção, e embora com o coração partido, vê-se obrigado a expulsá-los de casa, pois além de abusarem do seu amor e dádivas, tentaram subverter os poucos que ainda lhe eram leais. Por amor dos filhos obedientes, embora em minoria, o pai tem de expulsar os filhos rebeldes. Caso contrário, correria o risco de vir a perder também os filhos bons.

Outro exemplo: Digamos que um doente tenha gangrena numa perna. O médico, um homem bom, chega à conclusão de que há apenas duas alternativas: ou amputar a perna ou perder o doente.

Alguém que não saiba da gravidade do caso pensaria que o médico é uma pessoa cruel ao vê-lo a amputar a perna do doente. «Que coisa bárbara, cortar a perna de alguém!» É o que poderia pensar um espectador sem conhecimento de causa do problema. A amputação, no entanto, é um acto de misericórdia, e não de crueldade, pois é melhor perder uma perna do que perder o doente todo.

Assim, poderíamos dizer que o povo de Israel foi o «bisturi» de Deus, amputando uma parte da humanidade para que a humanidade toda não se

perdesse. Parte da humanidade estava infectada pela gangrena do pecado, gangrena esta irrecuperável, que ameaçava espalhar-se pelo resto do corpo. A amputação não foi um acto de crueldade; foi um acto de misericórdia, de amor para com a parte sã do corpo.

Estas ilustrações explicam porque se tornou necessária a destruição dos cananeus: eles não apenas haviam enchido a medida da injustiça, não apenas haviam pecado contra o Espírito Santo; eles ameaçavam também subverter o povo de Israel, através das suas práticas idólatras, imorais e sanguinárias.

Uma prova disto é o que ocorreu durante o reinado de Acabe. Acabe desejou possuir a vinha de Nabote, mas este recusou-se a vender a propriedade ao rei. Acabe, embora ofendido, não viu nesse acto motivo suficiente para punir a Nabote. A sua esposa, Jezabel, porém, não era da mesma opinião. Jezabel era uma princesa fenícia, fervorosa adoradora dos deuses cananeus e imediatamente concebeu um plano para matar a Nabote e tomar a sua propriedade à força.

De onde tirou Jezabel essa ideia diabólica? Certamente das tradições cananeias, onde há uma história semelhante: a deusa Anath desejou certa vez possuir um belo arco pertencente ao deus Aqhat. Ela pediu-lhe o arco em troca de ouro e prata. Aqhat recusou. Anath insistiu, prometendo-lhe a vida eterna. Como isto não adiantasse, Anath architectou um plano e destruiu-o, apossando-se então do cobinado arco. (2)

A mitologia cananea está cheia de assassinatos e prostituição entre os deuses. É óbvio que se os deuses cometem incesto, adultério, fornicção e se têm prazer em cometer assassinatos a sangue frio, os seus adoradores não agirão diferentemente, pois ninguém é superior ao objecto da sua adoração.

Temos aqui, portanto, as razões porque se tornou necessária a destruição dos cananeus: porque a gangrena da idolatria e da perversão ameaçavam destruir a religião de Israel. Por influência de Jezabel multiplicaram-se os templos idólatras e imagens de Baal e Astarote, em Israel. O ar ficou poluído com o fumo dos sacrifícios oferecidos aos falsos deuses. Deus não teve outra alternativa, a não ser amputar os que estivessem infectados, a fim de salvar o remanescente.

E as crianças? Por que deviam ser mortas também? Não eram elas inocentes?

«A destruição das crianças juntamente com os seus pais justifica-se com base no facto de que a geração mais jovem seguirá exactamente o mesmo caminho das gerações anteriores, isto é, que a tendência para a corrupção, rebelião e depravação estava profundamente arraigada, e dominava totalmente a sua natureza, da mesma maneira como nos seus pais. Destruir os pais e deixar vivos os jovens, seria preservar apenas as sementes da corrupção.» (3)

Deus, que conhece o coração do ser humano, sabia que aquelas crianças seguiriam exactamente o caminho dos seus pais. Não havia Deus esperado

400 anos para ver se eles melhorariam? Mas viu apenas geração após geração mergulhar ainda mais fundo no lamaçal do pecado. Não há razão para pensar que a última geração dos cananeus seria melhor. Deus sabia que não. Por isso ordenou a sua destruição.

Mas porque teria Deus usado Israel como instrumento de destruição? Porque não destruiu Deus os cananeus por meio de uma catástrofe natural, como terramoto, inundação, ou fazendo chover fogo e enxofre do céu, como fez para destruir Sodoma e Gomorra? Porque permitiu Deus que os israelitas sujasse as mãos com o sangue dos cananeus?

O método de destruição dos cananeus não tem maior importância aqui do que discutir se um condenado à morte deverá ser executado por electrocução, enforcamento, câmara de gás ou fuzilamento.

Entretanto, é bom saber que o plano original de Deus não era este. Deus não pretendia destruir os cananeus com a espada de Israel. Deus desejava dar-lhes a terra de Canaã gradualmente, e *sem guerra*. Embora possa parecer inacreditável, o plano de Deus era desalojar os cananeus sem que Israel precisasse sequer de desembainhar a espada:

«Enviarei o Meu terror diante de ti confundindo a todo o povo aonde entrares, farei que todos os teus inimigos te voltem as costas. Também enviarei vespas diante de ti, que lancem fora os Heveus, os cananeus e os heteus, de diante de ti. Não os lançarei fora de diante de ti, num só ano, para que a terra se não torne em desolação, e as feras do campo se não multipliquem contra ti. Pouco a pouco os lançarei de diante de ti, até que te multipliques e possuas a terra por herança.» Êxo. 23:27-30.

Por estes textos podemos ver que Deus possuía um arsenal de armas não humanas em armazenamento. Deus enviaria o Seu terror diante de Israel.

Os cananeus, ao ouvirem falar das maravilhas operadas pelo Deus de Israel, desmaiariam de terror, e se entregariam sem lutar. (Ver Núm. 22:3; Josué 2:9-11; 5:1).

Quanto às vespas que Deus enviaria, alguns acham que são literais, enquanto outros preferem acreditar que são um símbolo dos egípcios. Uma das interpretações preferidas é a de que essas vespas seriam uma figura do auxílio que Deus daria aos exércitos de Israel. Da mesma maneira como um enxame de vespas produziria pânico e confusão num campo, assim o Senhor enviaria terror, tremor e confusão em meio às nações, a fim de enfraquecê-las para a batalha. (4)

A conquista de Canaã, portanto, seria fácil, fácil. Acontece, porém, que Israel recusou as armas divinas. Eles, insistiram em dificultar às coisas, marchando contra os ímpios a fim de ensanguentarem as suas espadas. Eles é que quiseram sujar as suas mãos de sangue.

Deus viu-se então diante de duas alternativas desagradáveis: abençoar as campanhas militares de Israel ou abandoná-los à sua própria sorte. Se abandonasse o Seu povo, eles e as nações vizinhas fica-

riam a pensar que não faria a menor diferença ter Jeová ao seu lado ou não. Se, por outro lado, Deus os ajudasse a vencer as guerras correria o risco de ser considerado um Deus sanguinário, cruel e incoerente. Apesar desse risco, Deus optou por esta alternativa. Se ele tivesse optado pela outra, isto é, abandonado o Seu povo, este acabaria por ser destruído e a Terra ficaria entregue aos ímpios. O mundo perderia, então, totalmente o contacto com Deus.

Não podemos senão admirar a Deus por estar disposto a arriscar a Sua reputação a fim de salvar alguns.

Assim, o morticínio registado no Velho Testamento, em vez de pôr em dúvida o carácter de Deus, vem na verdade reafirmá-lo como um Deus de amor, de paciência, mas também de justiça. Os

impenitentes jamais foram eliminados sem terem tido antes oportunidade de salvação. E os sinceros sempre foram salvos. Ao destruir o mundo antediluviano, Deus salvou Noé e a sua família. Ao destruir Sodoma e Gomorra, salvou Ló e a sua família. E ao destruir os cananeus, salvou Raabe e a sua família.

Quando os cananeus modernos tiverem enchido «a medida da iniquidade», Deus intervirá a fim de salvar o Israel espiritual. Antes, porém, Ele espera que muitos abandonem o seu caminho e se voltem para Deus.

E esse tempo é hoje.

Referências:

- (1) — S.D.A. *Bible Commentary*, Vol. 2, pág. 200
- (2) — *Idem*, pág. 41
- (3) — *Idem*, pág. 201
- (4) — *Idem*, pág. 296

MILTON LEE

O Espírito de Perdão

**Somente quando o
Espírito de Deus encher o
nosso coração,
podemos perdoar e esquecer
com sinceridade.**

O «Dia do Grande Indulto» em Taiwan, foi o 14 de Julho de 1975. Nesse dia, em memória de um líder falecido recentemente, e que se havia notabilizado pelo seu espírito de perdão, foram postos em liberdade 3.522 sentenciados. Esse perdão trouxe para cada ex-prisioneiro o direito de: liberdade; reintegração na sociedade como um cidadão cumpridor das leis; reunir-se com os seus entes amados; e esperanças de um futuro melhor. Podeis imaginar quão gratos se sentiram esses prisioneiros indultados, por terem recebido uma nova oportunidade de recomeçar as suas vidas.

De acordo com a Bíblia, é-nos oferecida a todos uma oportunidade como essa: «Bem-aventurado aquele cuja iniquidade é perdoada, cujo pecado é coberto. Bem-aventurado o homem a quem o Senhor não atribui iniquidade, e em cujo espírito não há dolo.» (Sal. 32:1 e 2).

O espírito de perdão é a característica de uma grande pessoa. O espírito de vingança é humano, mas o espírito de perdão é divino. Um encurta e

destrói a vida; o outro prolonga e edifica a vida. Uma boa ilustração para este quadro é visualizada no espírito magnânimo desse líder cristão, nascido na China, manifestado para com os seus inimigos durante a II Guerra Mundial. Sem dúvida, foi o espírito de perdão que lhe permitiu viver o resto dos seus dias em paz e tranquilidade, a despeito das suas grandes responsabilidades e muitos desapontamentos.

Amor e perdão são dois grandes atributos de Deus. Um não pode ser separado do outro. Uma pessoa não pode perdoar, com sinceridade, sem amar; nem pode amar, de verdade, sem perdoar. A Bíblia descreve Deus com as seguintes palavras: «Senhor Deus compassivo, clemente e longânimo, e grande em misericórdia e fidelidade; que guarda a misericórdia em mil gerações, que perdoa a iniquidade, a transgressão e o pecado.» (Êxo. 34:6 e 7).

Não são somente os prisioneiros mantidos atrás das grades que necessitam de perdão. Todos nós precisamos. Todos necessitamos dele porque pecamos contra o Céu ao ignorarmos as leis celestiais, ao desobedecermos aos mandamentos de Deus. Necessitamos dele, porque rejeitámos a paciente misericórdia e o amor de Deus. Necessitamos dele porque temos sido ingratos, orgulhosos, egoístas e inexoráveis.

Não teríeis vós considerado estranho, se 3000 dos 3.500 criminosos indultados rejeitassem o perdão? Chega ser até ridícula a ideia de que 3.000 sentenciados preferissem continuar na prisão em vez de optarem pela liberdade. Mas a maioria das pessoas, hoje em dia, está agindo dessa maneira — rejeitam o perdão oferecido por Deus.

MILTON LEE

Locutor da Voz da Profecia,
na língua chinesa (Mandarim), em Taiwan

Mensagem do Governador

Narra esta história o caso de um prisioneiro que estava na sua cela de morte, aguardando a execução. Certo dia, um sacerdote, trazendo uma mensagem do governador, veio visitar o preso. Assim que o clérigo entrou na cela, o prisioneiro gritou:

— Não quero vê-lo. Não necessito das suas preces.

— Mas — insistiu o ministro — trago-lhe uma mensagem do governador.

Quando tentou entregar o envelope ao preso, este esbravejou:

— Tira isto daqui. Nem quero ouvir nada sobre ele.

Muito desapontado, o ministro retirou-se, levando no seu bolso a mensagem que nem mesmo havia sido aberta. Mais tarde o carcereiro disse ao

prisioneiro: «A mensagem que você nem quis ver, era do governador e trazia o seu perdão.»

Conta-se que, quando foi executado, as suas últimas palavras foram: «Estou morrendo, não porque matei um homem, mas porque recusei o perdão.»

Ninguém morrerá eternamente por ser um pecador; estará perdido para sempre se recusar o perdão oferecido pelo Céu.

Nem permanecerá livre por muito tempo o prisioneiro indultado que abusar da sua liberdade, reassumindo a sua vida anterior de pecado e de maldade. Deve haver uma piedosa abominação do pecado — uma tal abominação que nos conduza ao arrependimento, à confissão e abandono do mesmo. Esses são os passos essenciais para sermos perdoados e para nos reconciliarmos com o amoroso Deus a quem ofendemos.

RUBENS S. LESSA

Mundanismo

A igreja só desfruta segurança enquanto o mundo não está dentro dela.

Está a igreja de Laodicéia em segurança? Aos olhos de alguns, parece que sim, pois afirmam: «Rico sou, e de nada tenho falta». (Apoc. 3:17). Ora, se não lhes falta nada, estão em segurança...

Ledo engano!

Os professos seguidores de Cristo (somos nós professos?) são por Ele considerados «pobres, cegos e nus» em virtude de estarem namorando o mundo.

O amor do mundo tem três fases: namoro, noivado e casamento. Há pessoas que de quando em quando namoriscam com o mundo; outras namoram «seriamente» o mundo; há aqueles que se comprometem a casar-se com o mundo; e existem os que convivem com o mundo. Estes formam um «casamento perfeito». «Uma só carne», diríamos...

Deus porém deplora e condena tal relacionamento. Notemos as seguintes passagens bíblicas:

«Não ameis o mundo nem as coisas que há no mundo. Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele; porque tudo o que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não procede do Pai, mas procede do mundo.» (1 João 2:15 e 16).

«E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, pa-

ra que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.» (Rom. 12:2).

A igreja, actualmente, está ameaçada pelo mundanismo. Práticas, costumes e determinados modelos de comportamento estão invadindo os arraiais dos seguidores de Cristo. Qual aríete, o mundanismo está derribando muros de defesa em muitos corações.

O inimigo, após a queda dos muros de defesa, penetra na cidadela da alma, saqueia-lhe os valores morais e espirituais, e impõe uma nova ordem de coisas. Como que diz: «Daqui para a frente, você deverá falar, agir, vestir, negociar, divertir-se, etc., de acordo com as minhas normas.»

Na verdade, tais coisas estão acontecendo. Lamentavelmente!

Apego às posses materiais; loucura por posição social; conversação frívola; métodos discutíveis na obtenção de riquezas; amizade com infiéis; casamentos não recomendáveis; «beleza» artificial; vestuário não condizente com os princípios de economia, decência e simplicidade — tais coisas estão estabelecendo uma «nova ordem» em algumas vidas.

O inimigo está lutando no sentido de colocar novamente em acção um poderoso aríete ante o qual muitas jovens e senhoras, nos anos sessenta, ruíram fragorosamente: a *minissaia*.

Como se comportarão as nossas filhas, as nossas esposas, as nossas jovens? Segundo o modelo do mundo, ou conforme a «ordem de coisas» estabelecida por Cristo?

Irmãos, longe de nós o fanatismo! Mas longe, também, a frouxidão com respeito às normas cristãs!

RUBENS S. LESSA

Redactor-chefe
da Revista Adventista Brasileira

É tempo de os pais entenderem a seguinte advertência: «Não tomam posição tão firme e decidida como devem com relação aos filhos. Deixam que sejam semelhantes ao mundo, amem o vestuário e se associem aos que aborrecem a verdade, e cuja influência é venenosa. Assim fazendo, estimulam nos filhos a disposição mundana.» (*Testemunhos Selectos*, Vol. 1, pág. 49).

É tempo de os pastores e oficiais da igreja agirem de comum acordo, num só espírito, para impedir que o mundanismo devore almas tão preciosas aos olhos de Deus. «Tendo diante de nós o quadro da desvalorização do mundo no sentido da moda, como ousam professos cristãos seguir o trilho do mundanismo? Daremos a impressão de sancionar estas desmoralizadoras modas, adoptando-as?» (*Mensagens aos Jovens*, pág. 359).

Pastores, líderes de igreja, pais, moças e senhoras — todos devemos unir-nos a fim de que essa «onda» não «pegue» nos nossos arraiais. Que as nossas moças e irmãs sejam leais a Cristo, não se deixando levar pelas vagas do mundanismo que destrói até às raízes.

«Cumpre-lhes, porém, manifestar nobre independência e coragem moral para serem rectas ainda que o mundo seja diferente.» (*Idem*, pág. 358).

«A simplicidade no vestuário dará realce a uma senhora sensata. Julgamos o carácter de uma pessoa pelo género de vestidos que usa. Uma senhora modesta, piedosa, vestir-se-á discretamente.» (*Idem*).

Notemos, agora, o equilíbrio do Espírito de Profecia:

«Se o mundo apresentar um modo de vestir discreto, conveniente e saudável, que esteja em harmonia com a Bíblia, não alterará a nossa relação para com Deus ou o mundo ao adoptarmos esse estilo. Os cristãos devem seguir a Cristo e harmonizar o seu traje com a Palavra de Deus.» (*Idem*, pág. 350).

Como devemos agir quando se manifesta o mundanismo na igreja?

1. Com firmeza, mas com muito amor.
2. Com unidade de acção. Todos falando a mesma linguagem.
3. Advertindo, de preferência, em particular e individualmente os faltosos.
4. Muita oração e jejum.
5. Importante: condenar o pecado, não o peccador.
6. Mais importante ainda: começar a agir antes que o mal apareça e se desenvolva incontavelmente.

O início do meu modesto ministério coincidiu com o auge da minissaia. Comprovei uma coisa: o trabalho pessoal, realizado de maneira coerente e com amor cristão, dá amplos resultados.

O papel da igreja é, antes de tudo, salvar, isto é, recuperar almas. E não apenas podar galhos.

ENOCH DE OLIVEIRA

O Nosso Barco é Pequeno

Como podemos lograr a vitória sobre as tentações que nos assaltam, considerando as debilidades que nos são próprias e as tendências que fazem parte da nossa herança genética?

Os pescadores normandos, ao iniciarem a realização das suas actividades diárias, ainda nas primeiras horas da madrugada, diante das agressivas ondas do mar, punham-se de joelhos e, solenemente, repetiam a súplica: «Ajuda-nos, ó Senhor! O mar é tão grande e o nosso barco é tão pequeno!»

Quanto necessitamos do Senhor no proceloso oceano da vida! Muitas vezes no agitado mar da existência somos sacudidos por tempestuosas tentações. Em tais circunstâncias, quão apropriado se nos afigura repetirmos a súplica: «Ajuda-nos, ó Se-

nhor! O mar é tão grande e o nosso barco é tão pequeno!»

Não temos um piloto indiferente à nossa súplica, «porém um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado.» (Heb. 4:15).

Momem algum foi tentado como Ele. E certamente nenhuma tentação foi mais intensa e mais difícil de resistir, que a de exhibir diante das multidões que d'Ele zombavam, a majestade do Seu poder.

Foi tentado no deserto, quando Se preparava para iniciar o Seu ministério entre os homens. Sentindo-Se solitário, faminto e macilento, o adversário da justiça O acossou ferozmente, sugerindo-Lhe as mais subtis tentações, porém a todas resistiu, usando como recurso a imbatível «espada do Espírito» — a Palavra de Deus.

Foi tentado quando, após o surpreendente milagre da multiplicação dos pães, a multidão assombrada se dispôs a restaurar o trono de David, coroando-O rei de Judá.

ENOCH DE OLIVEIRA

Vice-presidente
da Conferência Geral

Foi tentado quando o corrupto governador da Galiléia O desafiou a apresentar as Suas credenciais divinas. A liberdade ser-Lhe-ia concedida, caso realizasse algum milagre. Mas, a esta sedutora proposta, Jesus respondeu com um expressivo silêncio. Irritado, diante do mutismo do Nazareno, Herodes O ultrajou.

Foi tentado tão intensamente no Getsêmani, que caiu desfalecido sobre o solo pedregoso, enquanto os Seus dedos hirtos rasgavam a terra na Sua angústia. A agonia vivida no Getsêmani comoveu os anjos e assombrou o Universo.

Foi tentado no Gólgota, quando ouviu vozes irreverentes, desafiando-O a descer da cruz. Sim, Ele foi tentado a abandonar o madeiro na companhia de uma legião de anjos, deixando-nos à deriva, sem esperança, sem um Salvador.

Com efeito, Ele «foi tentado em tudo». «Ache-guemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça para socorro em ocasião oportuna.» (Heb. 4:16).

Diz a Pena Inspirada: «Os que seguem a Cristo estão sempre seguros sob a Sua protecção. Anjos magníficos em poder, são enviados do Céu para protegê-los. O maligno não pode romper a guarda que Deus pôs em redor do Seu povo.» (*O grande Conflito*, pág. 517).

O maior momento da vida de Salomão não foi a festa da sua coroação como rei de Israel. Tãopouco a solene ocasião em que o grande templo que edificou foi dedicado ao culto a Jeová. O maior momento da sua existência foi aquele em que reconheceu a sua insignificância e total dependência de Deus.

Disse o rei: «Agora, pois, ó Senhor meu Deus, Tu fizeste reinar a Teu servo em lugar de Davi, meu pai; não passo de uma criança, não sei como conduzir-me. ...Dá, pois, ao Teu servo um coração compreensivo para julgar o Teu povo, para que prudentemente discirna entre o bem e o mal.» (I Reis 3:7-9).

Foi quando agiu com espírito independente, cheio de suficiência própria; que se tornou moralmente corrupto, manchou o seu carácter e traíu a honra nacional.

Cristo Jesus na Sua humanidade confessou a Sua total e absoluta dependência de Deus, dizendo: «Eu nada posso fazer de Mim mesmo;...não procuro a Minha própria vontade, e sim, a d'Aquele que Me enviou.» (João: 5:30).

Por natureza inclinamo-nos ao mal. As nossas tendências herdadas e cultivadas são de natureza inferior. Não temos o poder necessário para triunfar nessa luta contra o pecado.

O segredo da vida vitoriosa de Cristo sobre a tentação estava na Sua íntima relação com o Pai. O apóstolo São Paulo conheceu experimentalmente o poder extraordinário desse segredo, quando disse: «Graças a Deus que nos dá a vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo.» (I Cor. 15:57).

Noutra ocasião, declarou confiantemente: «Tudo posso n'Aquele que me fortalece.» (Fil. 4:13). Com a fortaleza de Jeová era-lhe possível vencer cada dia as mais ferozes tentações que o assaltavam.

Robert L. Stevenson conta a história de um navio que, numa costa rochosa, foi surpreendido pela fúria de uma tormenta. Quando o terror dos que se achavam a bordo parecia transformar-se em pânico colectivo, um homem audaz conseguiu percorrer o perigoso caminho em direcção à cabina do piloto. Ali o encontrou com as mãos firmes no timão e um sorriso no rosto. Regressou apressadamente à presença dos seus angustiados companheiros de viagem, exclamando: «Tudo vai bem. Todos nos salvaremos. Vi o piloto controlando o leme, e ele sorriu para mim.»

Ao contemplarmos pela fé o rosto do Piloto da Galiléia, veremos desaparecer o temor e a alma encher-se-á de esperança e de paz.

M. N. CORDEIRO

Ameaça à Liberdade de Consciência

Na Revista Adventista Francesa de Março de 1981, na coluna «Escrevem os nossos leitores», pág. 2, encontrei uma referência muito importante acerca da liberdade de consciência, escrita pelo Pastor Michel Grisier, da nossa igreja de Genebra, Suíça.

Referindo-se à surpreendente falta de conhecimento de alguns dos nossos membros acerca do perigo à nossa frente, pergunta enfaticamente se não terão jamais estudado o capítulo 13 de Apocalipse ou lido os capítulos 35 a 39 do Grande Conflito ou Conflito dos Séculos. E termina essa sua observação com as palavras: «Deus indica-nos aí claramente de que lado virá o perigo!»

Seguidamente o Pastor Grisier menciona os artigos da revista suíça «Résister» a qual realça a perda de liberdade de consciência nos países de Leste.

M. N. CORDEIRO

Pastor da Igreja de Leiria

E escreve então acerca disso o seguinte:

«A acção desenvolvida pela revista em questão parece-me ser uma manobra de diversão a fim de desviar a nossa atenção daquilo que se trama realmente sob os nossos olhos: o amordaçamento lento mas inexorável das liberdades individuais no Ocidente chamado «livre».

Há cerca de três anos tive uma longa entrevista com um dos principais colaboradores de Monsenhor Lefebvre. Ele afirmou-me, entre outras coisas, que o movimento integrista «colocava» os seus homens em todos os meios dirigentes do mundo ocidental a fim de fazer abolir a liberdade de consciência sem muita demora. Os acontecimentos que ocorreram após essa entrevista confirmaram plenamente as afirmações desse homem. Na Quarta-feira, 17 de Dezembro, (1980), às 21,35h, na Televisão Suíça Alemã, passava uma emissão «Religião e Sociedade» com Monsenhor Lefebvre. Este censurava o Concílio Vaticano II e os Estados Católicos por terem concedido a liberdade religiosa a 'heresias tais como os adventistas e os baptistas...'

Quem terá coragem de denunciar também os ataques à liberdade de consciência no nosso país e desvendará as acções ocultas dos inquisidores em potência?»

Estas afirmações do Pastor Grisier impressionaram-me de tal maneira que resolvi ler e estudar de novo os capítulos finais do Grande Conflito e bem assim o cap. 13 de Apocalipse.

Não há dúvida que o dragão está activo e preparando o seu ataque final ao fiel povo de Deus, o qual conduzirá ao conflito generalizado do Armagedon, do qual o povo de Deus sairá vencedor pela mão poderosa do Senhor seu Deus que os livrará na hora da sua maior agonia e aperto.

Estamos nós conscientes do cumprimento fiel das palavras proféticas da Palavra de Deus acerca da confederação das forças satânicas contra o fiel povo de Deus?

Estamos nós preparados para enfrentar, sozinhos se for o caso, os ataques furiosos dessas forças satânicas?

Estamos nós conscientes do que significará enfrentar os perigos dos últimos dias sem intercessor no santuário celestial?

Face a estas perguntas pertinentes e solenes qual vai ser a nossa resposta para cada uma delas?

Sabendo nós que a angústia por que passará o fiel povo de Deus, à semelhança de Jacó, consiste em não ter a plena certeza de ter confessado e obtido o perdão de todos os seus pecados antes da terminação do tempo da graça, busquemos agora, enquanto ainda é tempo, arrepender-nos e confessarmos todo o pecado da nossa vida a fim de sermos revestidos da justiça de Cristo. Pois só assim Ele nos poderá proteger durante esse tempo de terrível angústia e por fim livrar e salvar para o Seu reino eterno onde «não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor; porque já as primeiras coisas são passadas.» (Apoc. 21:4).

Página dos Jovens

O Verdadeiro Jesus

Álvaro, um novo aluno de uma classe como a de vocês, nunca antes estudara a Bíblia e esperava, agora, poder encontrar respostas para algumas perguntas cépticas que o seu pai lhe fazia. Um dia, enquanto o professor de religião explicava que no semestre seguinte estudariam o Evangelho de São Mateus, levantou a mão lá do fundo da sala e perguntou:

— Como podemos saber que a história de Jesus não é apenas lenda? O meu pai disse que, se Jesus tivesse realmente existido, os historiadores contemporâneos teriam falado a Seu respeito.

— O seu pai, Álvaro, abordou realmente um ponto muito importante — replicou o professor. — É verdade que no princípio os historiadores romanos não deram muita atenção à vida e aos ensinamentos de Cristo. Naquele tempo a Palestina era um pequeno

país conquistado, lá num canto do Império Romano, e qualquer novo mestre que lá surgisse não atrairia a atenção de Roma. Contudo, todo o mundo começou a saber de Cristo quando os seus seguidores começaram a espalhar-se por toda a parte, contando a respeito da Sua morte e ressurreição. O número de conversos foi muito grande, até na própria Roma. Existe uma prova de que lá pelo ano 60 AD os seguidores de Cristo eram muito bem conhecidos em Roma.

— Qual é? — perguntou Álvaro.

— Quantos de vocês já ouviram falar a respeito de Nero? — Perguntou o professor. Imediatamente se levantaram muitas mãos e ele continuou: — Bem, em 64 AD uma grande parte da cidade de Roma foi destruída por um incêndio, e o povo suspeitou que fosse Nero quem tivesse mandado atear fo-

go à cidade para reconstruí-la de maneira a se tornar um monumento em sua honra. Assustado, porém, com os resultados, o Imperador começou a procurar alguém que pudesse servir de bode expiatório para um tão hediondo acto. Sabem vocês quem foi que ele escolheu para isto?

— Não foram os Cristãos? — Perguntou José, um dos colegas de Álvaro.

— Foram sim — replicou o professor — e lembrem-se que isto aconteceu apenas pouco mais de 30 anos depois da morte de Cristo. Este facto demonstra que o cristianismo, nesta época, já se espalhara até Roma.

— Existe algum registo histórico que fale disto? — perguntou Álvaro.

— Um historiador romano chamado Tácito, entre os anos 115 e 177 AD, escreveu uma obra conhecida pelo nome de Anais, na qual conta como foi o incêndio de Roma e como Nero acusou os cristãos. Nesta obra, para explicar a origem do nome «cristãos», o autor diz que «Cristo, do qual o seu nome deriva, foi executado por sentença de Pôncio Pilatos durante o reinado de Tibério». — Tácito, Anais XV, 44.

— Interessante — exclamou Álvaro — e ele menciona até o nome de Cristo!

— Existiu também um outro historiador chamado Plínio, o moço — continuou o professor — que era o procônsul ou governador romano de uma província chamada Bitínia, que ficava na Ásia Menor. Cerca do ano 112 AD ele escreveu uma carta ao Imperador Trajano, pedindo conselhos sobre como tratar os cristãos. Na sua carta, expunha o rápido crescimento destes e dizia como cantavam hinos ao seu líder, Cristo. (Plínio, Ep. X. Ad Trajanem XCVI, op. cit., pág. 28) — Podemos pois estar certos — disse ainda o professor — de que alguém chamado Cristo realmente viveu e que, era realmente o que dizia ser, o Filho de Deus, ou era um grande enganador: não é possível considerá-lo apenas como sendo um bom homem.

Numa obra sua, Vigeveno conta a história de uma pintura famosa do século VII que os directores

de um Museu queriam limpar. Quando os peritos iniciaram o seu trabalho, perceberam que pequenas partículas se soltavam da pintura e, por mais cuidado que tivessem, elas não deixavam de cair. Por fim, depois de muitos desapontamentos, notaram que havia outra pintura por baixo da primeira: é que um artista qualquer tentara melhorar a pintura original daquela verdadeira obra-prima.

O retrato original de Cristo, diz Vigeveno, está nos Evangelhos, e muitos foram os que tentaram acrescentar alguma coisa a ele, estragando-o. Artistas comerciais tentam pintar Cristo, mas fazem-no de maneira irreal e até efeminada, pintando-O com tez pálida, cabelos louros e ondulados caindo-lhe sobre os ombros, e com roupa longa e larga que O coloca num passado muito distante. Vigeveno convida-nos a limpar a tela e a voltar para o original, para o Cristo que domina com as Suas maneiras, desafia com a Sua mensagem, conquista com a Sua varonilidade e que completou plenamente a Sua missão! Repetindo as palavras de Peter Marshall, «vejamos o Cristo dos Evangelhos cruzando as estradas empoeiradas da Palestina, queimado pelo sol, bronzeado e destemido.

Este é o Cristo do qual Mateus fala, um Cristo real, um Cristo jovem que compreende e ama a mocidade e a infância, um Cristo acessível, cordial e prestimoso, um Cristo intemorato que não tem receio de enfrentar todos e tudo, um Cristo compassivo, nunca atarefado demais para observar e ajudar um necessitado, um Cristo que responde ao ódio com amor e que perdoa até os Seus assassinos.

Estudemos a vida de Cristo até que «a imaginação se apodere de cada cena» (DN, pág. 74). Andemos com Ele pelas estradas empoeiradas da Palestina, procurando ver, ouvir e sentir tudo aquilo que veríamos, ouviríamos e sentiríamos se estivéssemos realmente com Ele. À medida que a Sua vida se for tornando mais real para nós, especialmente quando estudarmos as suas cenas finais, «a nossa confiança n'Ele será mais constante, o nosso amor vivificado, e seremos mais profundamente imbuídos do Seu Espírito.» — DN, pág. 74. ★

Uma Revista Adventista em cada lar

Uma Partida à Bola de Neve

por Nettie Eden

«Para baixo, Bola de Neve», gritou a mãe, enquanto empurrava o admirado «poodle» branco do seu colo. «O que andaste tu a fazer? Cheiras tão mal!»

Bola de Neve refugiou-se num cantinho com os olhitos redondos e brilhantes muito tristes. Havia sempre uma festinha para ela quando saltava para o colo de alguma pessoa da família, e não conseguia compreender porque tinha sido posta no chão tão depressa.

«Tiago! Cila!» chamou a mãe. «O que aconteceu com Bola de Neve? Venham dar-lhe já um banho.»

«Alho!» gritou o Tiago, fazendo uma careta. «Bola de Neve cheira a alho. Onde o terá ela arranjado?»

A Cila tapou o nariz e recuou para se afastar do cheiro. Bola de Neve, sentindo que não era aceite, meteu-se debaixo da mesa e, a medo espreitou para ver se era seguro sair do seu esconderijo.

«Dar-lhe um banho não ajudará em nada, Mamã», disse Tiago. Se ela comeu alho, ela precisa é de alguma coisa para o mau hálito». E as duas crianças riram a bom rir. «Que tal se lhe lavássemos a boca?» acrescentou ele com um sorriso maroto.

Nessa altura alguém bateu à porta. «Posso entrar?» perguntou uma vozita tímida. David, o pequenito da casa ao lado entrou. «A minha Mãe mandou-me pedir desculpas. Sabem... é que... ahm... nós...» ele gaguejou. «Bem, eu chamei a Bola de Neve para jogar à bo-

“O Cantinho Infantil”



la conosco esta manhã. A minha Mãe tinha apanhado algumas cabeças de alho para a cozinha. O João, aquele que mora ali em frente, disse que o irmão dele, o mais velho, um dia pôs alho na comida do gato deles e ele andou a cheirar a alho mais de uma semana. E resolvemos experimentar com a Bola de Neve. Quando a minha Mãe descobriu, mandou-me pedir desculpas. Eu estou mesmo arrependido.»

A Mãe sorriu ao atrapalhado rapazi-nho.

«Estás desculpado, David. Mas temos de arranjar um desodorizante para Bola de Neve não sofrer mais. Ela não consegue compreender por que é que não lhe queremos pegar. A tua Mãe tem alguma salsa, no quintal?»

«Eu acho que sim. Ela tem quase tudo,» disse David já mais alegre.

Em breve o triturador zunia com a mistura que a mãe lá tinha posto. Salsa, pimentos e água. A mãe pôs também algumas aparas de melão apenas para tornar a mistura mais gostosa para Bola de Neve.

«Agora não deixem a Bola de Neve comer ou beber qualquer outra coisa. Quando ela tiver fome dêem-lhe isto. Em pouco tempo isto tirar-lhe-á o cheiro de alho», prometeu a mãe.

Dentro de pouco tempo o Tiago e a Cila já podiam brincar, de novo, com uma Bola de Neve mais cheirosa. Mas a mais feliz com o resultado era a própria Bola de Neve que se sentia, uma vez mais, aceite por todos.

CONSELHO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

Nos dias 10 e 11 de Dezembro esteve reunido o Conselho da nossa Associação a fim de avaliar o trabalho realizado e fazer planos para o novo ano de 1981.

Estiveram presentes:

Da parte da União: E. Cupertino, presidente e J. Gomes, secretário-tesoureiro.

Da parte da Associação: J. Morgado, presidente; J. B. dos Santos, secretário-tesoureiro; J. Dias, departamental da Juventude, Educação e Temperança; A. Maurício, Associação Pastoral e Mordomia; A. Nunes, Escola Sabatina, Actividades Leigas e Comunicações; J. L. Esteves, Publicações; J. Sabino, Casa Publicadora; J. M. Matos, Evangelista; E. Graça, Pastor da Igreja de Coimbra.

No dia 10 o Conselho foi iniciado com uma meditação do Pastor E. Cupertino e no dia 11, do Pastor J. Gomes.

Um pequeno relatório foi apresentado pelo Presidente e Secretário-Tesoureiro, através dos quais foi possível ver como o Senhor abençoou a Sua obra em Portugal.

Durante este ano foram organizadas as novas igrejas de Castelo Branco, Paivas, Ermezinde; adquiridos novos edifícios ou acabados de construir em: Atalaia do Campo, Queluz, Caldas da Rainha, Reboleira. Também neste ano foram efectuados 224 baptismos.

Os relatórios dos Departamentos fizeram sobressair o trabalho efectuado em cada um dos ramos da obra, dos quais convém realçar as vendas efectuadas pelos 68 colportores da Associação, que atingiram o valor de 26.669.848\$00, tendo sido colocados num ano mais de 9.000 livros em 50.111 horas de trabalho e tendo contribuído com 21 baptismos.

Quanto ao trabalho realizado pelas nossas Escolas, convém lembrar que têm actualmente 416 alunos e estão a realizar um grande trabalho de Evangelização.

Durante o Conselho foram tomados alguns votos que desejamos levar ao conhecimento de todos, para que se tornem efectivos em cada uma das nossas igrejas:

1. Alvo de Baptismos para o próximo quinquénio

1981 —	285
1982 —	294
1983 —	303
1984 —	320
1985 —	337

2. Oração de Intercessão

Recomendação

CONSIDERANDO

que todo o Adventista, seja qual for a sua condição ou falta de capacidade, pode orar e, que a oração de intercessão se torna uma necessidade quando nos deparamos com as limitações dos recursos humanos, e, que «os anjos estão agora retendo os ventos da contenda. ... Um momento de suspensão foi-nos graciosamente concedido por Deus. Todo o poder a nós emprestado pelo Céu deve ser empregado em fazer a obra que nos foi designada pelo Senhor em benefício dos que estão a perecer na ignorância. ... O povo de Deus deve fazer poderosa intercessão junto d'Ele agora em busca de auxílio.» — **Evangelismo**, págs. 703, 704.

O Conselho Anual da Igreja Adventista do Sétimo Dia lança um apelo a todos os membros de todos os países do mundo para se unirem em **oração de intercessão** pelas necessidades espirituais das suas comunidades, das nações e lugares longínquos ou próximos, onde a Mensagem Adventista ainda não é conhecida.

RECOMENDAMOS

1. Esta oração de intercessão começou com um apelo à oração de cada membro de igreja, Sábado, 4 de Abril de 1981; os nossos pastores e obreiros apresentam às suas comunidades os objectivos e as bênçãos da oração de intercessão no sermão desse dia.
2. O povo de Deus foi convidado a prosseguir uma acção de intercessão em favor da sua vizinhança imediata, das suas comunidades e de outras necessidades específicas, que foram claramente indicadas na reunião de 4 de Abril e noutras ocasiões estabelecidas pelos campos locais ou pelos dirigentes das igrejas.
3. Tendo em vista a preparação desta reunião de intercessão, os pastores e os conselhos de igreja dividiram os seus distritos em secções, atribuindo a cada família adventista um território preciso, pelo qual orar, juntamente com outros projectos, tais como cidades, lugares ou regiões ainda não penetradas pelo Evangelho.
4. À medida que as famílias ou os membros são levados pelo Espírito Santo a desenvolver um interesse pelas pessoas do seu território e a desejarem usar os seus dons espirituais

para atingirem essas mesmas pessoas, os campos locais assinalarão através das igrejas locais as notícias acerca do material e serviços disponíveis para a realização dos objectivos fixados.

5. As revistas da Denominação publicarão artigos anunciando a data do início da acção através da oração de intercessão, os seus objectivos, as suas bênçãos e os projectos que a Igreja do mundo inteiro pode incluir na sua acção de intercessão.
6. A semana de oração do ano 1981 e as que se seguirão reservarão um período entre a apresentação do tema e as orações durante o qual os membros poderão expor as suas experiências acerca da oração de intercessão, encorajando-se mutuamente e criando uma atmosfera de satisfação entre a família de Deus.
7. O lançamento, o sustentáculo, a apresentação e a promoção desta obra de intercessão será assegurado pela administração da Conferência Geral, das Divisões, Uniões e Associações ou Missões.
8. A Divisão Euro-Africana, por conselho dos departamentos da Associação Pastoral, Actividades Leigas e Comunicações, indicará cada trimestre um tema a ser incluído na acção de intercessão.

As revistas da Igreja, o Trimensário da Escola Sabatina, bem como outros meios de publicidade, recordarão aos membros esta oração de intercessão. Será reservado um lugar especial nos periódicos da Igreja para se indicarem os motivos de oração bem como os resultados obtidos no mundo e localmente.

3. Congressos Anuais

Realizados nos dias 5 a 7 de Junho Congressos nas seguintes áreas: Porto, Figueira da Foz, Viseu, Lisboa, Portimão e Castelo Branco.

4. Convenção de Obreiros

A realizar na Costa de Lavos, de 31 de Agosto a 5 de Setembro.

5. Departamento da Mordomia

a) Reafirmação dos princípios da mordomia:

A fidelidade na entrega dos dízimos e ofertas verificar-se-á quando os dirigentes colocarem de facto a ênfase espiritual sobre a importância da mordomia cristã. Como administradores e dirigentes da Igreja, nós recomen-

damos que se reafirme a nossa crença mantendo os princípios fundamentais da mordomia cristã, tão claramente expostos na Bíblia e no Espírito de Profecia, e que nos unamos na busca dos conselhos de Deus para o desenvolvimento de planos e programas que incitem os membros de igreja a consagrarem o seu tempo e os seus talentos à causa de Deus, na sua preparação para a Sua próxima vinda. Uma boa compreensão da mordomia na sua relação com cada aspecto da vida cristã, permitir-nos-á vê-la abranger cada departamento e cada actividade do nosso programa da Igreja.

b) Formação de Seminários sobre Mordomia:

A fim de lançar um programa-piloto para a formação de organizadores de Mordomia a nível da igreja, nós encorajamos a criação de seminários sobre mordomia em todas as nossas assembleias.

NOTÍCIAS DE OLIVEIRA DO DOURO

Tendo o pastor Juvenal Gomes como orador, realizou-se na Igreja de Oliveira do Douro a Acção 81, que abrangeu dois fins de semana, 16 a 19 e 23 a 26 de Abril, sendo o seu Tema: «OS GRANDES PROBLEMAS DO HOMEM E A SUA SOLUÇÃO». Foram distribuídos 3.500 convites volantes, afixados cartazes nas paredes, anúncios sonoros pelas ruas da freguesia e convites pessoais. Apesar de tudo isso foi diminuta a presença de visitas.

As conferências foram muito proveitosas para todos os presentes, pois embora haja hoje e como nunca problemas a todos os níveis, naquilo que o homem é afectado tanto física como moral e espiritualmente a Bíblia tem a solução. À frente de cada pessoa o «beco» transforma-se em «avenida» e a amargura e o desespero em esperança.

Foram apresentados pelo orador belos diapositivos da Palestina, Itália e Grécia. O antigo e o moderno, o profano e o religioso. Não regatearam a sua colaboração os jovens com solos, duetos, poemas, quartetos e o cântico da igreja.

Antecedendo a Acção 81 tivemos uma semana de Reavivamento. Foi uma pré-campanha de 4 a 11 de Abril. As mensagens espirituais e a sua temática de membro e igreja mostrou o que se deve, pode e espera da igreja no seu interior e no mundo.

Durante a Acção tivemos a seguinte média geral: membros 94; visitas 12; crianças 18. Estas tiveram o seu programa separado. Agradecemos à irmã Ana Maria e

seus colaboradores que trabalharam em prol dos cordeirinhos.

Aproveitando esta Campanha tivemos uma cerimónia de Santa Ceia e no Sábado dia 25 de Abril uma maravilhosa Sessão Baptismal. Concretizaram-se algumas indicações, umas por dificuldades de trabalho ou estudo e outras por acanhamento de alguns jovens, estes filhos de irmãos nossos e com idades que oscilam entre os 12 e os 16 anos.



Foram 11 preciosas almas que agora se entregaram ao Senhor. Como situações extremas um candidato já conhecia a mensagem há mais de 20 anos e uma senhora entrou em contacto com a igreja há pouco mais de três meses. A semente da Palavra nem sempre leva o mesmo tempo a nascer e a dar o seu fruto.

Os novos irmãos que vieram aumentar a família Adventista, aqui na igreja foram: Diogo Aleixo, Alberto Teixeira, Manuel Oliveira, Maria Manuela Amaral, José João Pereira, Paulo Jorge Pinhal, Josué e Gabriel Dias Noronha e Pedro Emanuel Dias Rodrigues. Foi um dia feliz para a igreja, para os catecúmenos e para as suas famílias.

E falando como o profeta Samuel: «EBENEZER, até aqui o Senhor nos ajudou».

Pastor Manuel Laranjeira

NOTÍCIAS DE DELÃES

CERIMÓNIA DA PROMESSA DOS DESBRAVADORES E TIÇÕES

Dia muito feliz foi o passado dia 11 de Abril, para os jovens desta igreja, os quais fizeram a sua promessa, proferindo assim cada um o seu voto de lealdade. O dos Tições diz: Com a ajuda de Deus, prometo obedecer a Jesus e aos meus pais, e cumprir a Lei dos Tições. E o dos Desbravadores diz: Pela graça de Deus serei puro, bondoso e leal, guardarei a Lei dos MV. Serei servo de Deus e amigo de todos.

Com a presença do pastor Ezequiel Quintino, que dirigiu a cerimónia, a qual teve início às 16:30h deste Sábado feliz. Feita a promessa de cada um, teve lugar a respectiva distribuição dos lenços, emblemas e cadernetas; distribuição essa feita pelo Pastor e sua esposa.

A partir de agora a Igreja de Delães conta com um clube de 4 Tições e 9 Desbravadores os quais nesta cerimónia também louvaram o Senhor através do canto, com três belos hinos; dois em conjunto e um em dueto. No fim dos cânticos foram contadas duas histórias, uma pelo Pastor e outra pela sua Esposa.



A direcção do Clube dos Desbravadores de Delães ciente das responsabilidades que tem lança um desafiador apelo a todos os pais e crentes que se interessem pelos nossos Juvenis para que avancem na criação de novos clubes, pois sobre vós e nós repousa a grande responsabilidade de conduzir os nossos adolescentes a Jesus.

Francisco Ribeiro Abreu

NOTÍCIAS DE VIZELA

Vizela é uma linda vila situada no cunhal de Guimarães. É uma povoação muito antiga. Há indícios que os romanos ali viveram em tempos. Documentos do século XI já falam de Vizela.

Os esforços para levar a mensagem adventista a Vizela datam de há duas décadas. Mas a tarefa não foi fácil porque o Norte apresenta tradicionalmente uma forte tendência católica: não devemos esquecer que Braga, a Roma portuguesa, fica ali a dois passos e a sua influência faz-se sentir bastante.

Porém, nos últimos tempos, a mensagem adventista conseguiu penetrar nesta localidade e com o rodar dos anos algumas almas aceitaram a Verdade. Quando o número de pessoas começou a aumentar ao ponto de se tornar num grupo com legítimas aspirações a se constituírem numa Igreja, então os irmãos começaram a procurar uma Sala condigna onde pudessem realizar as suas reuniões. A tarefa não foi fácil. Chegaram a ter um andar sob palavra mas à última hora gorou-se essa possibilidade. Ultimamente, e depois de muito esforço, conseguiu-se alugar uma sala mesmo no centro da vila, embora seja relativamente pequena para os fins em vista.

No entanto os irmãos estão de excelente ânimo e sabemos que há boas perspectivas evangelísticas. Estive com o pastor José M. Matos em Vizela durante um pequeno ciclo de conferências que ali realizou e pude aperceber-me do entusiasmo dos

crentes e da maneira muito animosa como as visitas acorriam às reuniões. Eu próprio falei com alguns irmãos sobre este trabalho e eles me disseram que estavam muito satisfeitos pela grande afluência das visitas que correram a assistir às reuniões depois daquela grande distribuição de folhetos que foi efectuada em Vizela e arredores. Apesar da chuva que se fez sentir durante todas as reuniões a verdade é que o número de visitas aumentava em cada reunião chegando na última noite a ultrapassar três dezenas. No final foi feito um pedido a todos os visitantes que estivessem interessados em receber literatura e, para serem informados de posteriores campanhas, que dessem o seu nome e morada para dentro do possível satisfizermos esse desejo. Pois foram várias as famílias que aderiram ao pedido, sinal que estão interessadas em conhecer mais da Verdade.

Que Deus nos ajude e fique com cada uma destas pessoas e as fortaleça na Fé que há em Nosso Senhor Jesus Cristo.

Valdemar Nogueira

MAIS UMA IGREJA ADVENTISTA NO NORTE

Quando se abre uma igreja é sempre motivo de grande regozijo para o povo do Senhor: todos vemos com grande satisfação que um novo farol brilha procurando atrair as almas das trevas para a luz bendita do Salvador.

Na vila de Ermesinde situada a dez quilómetros do Porto, temos agora uma nova igreja onde o Evangelho é proclamado conforme as ordens que recebemos de Jesus.

Em 1977 uma senhora de nome Olinda, moradora nessa localidade, foi assediada por algumas pessoas das chamadas «Testemunhas de Jeová». Embora ela escutasse durante algum tempo essas pessoas, sentia que não era ainda ali que se encontrava a verdade. Um dia, estava a referida senhora numa loja quando surgiu o Irmão Fernando Ferreira que estava colportando naquela área. Iniciou-

-se então uma conversa durante a qual esta senhora manifestou desejo de conhecer um pouco mais sobre a Palavra de Deus. Algum tempo depois ela e o seu marido começaram a receber estudos bíblicos todas as semanas. Um novo casal foi convidado para assistir: a família Gonçalves, seus vizinhos. Mais tarde começaram a frequentar a Igreja de Canelas, e ali se vieram a baptizar, todos eles.

Passada esta fase os nossos irmãos começaram a fazer planos para abrir uma igreja em Ermesinde. Por essa ocasião o Irmão Branco, ancião na Igreja do Porto, mudou de residência exactamente para Ermesinde. Este foi um feliz acaso que viria facilitar a formação deste grupo. A partir de dada altura passámos a ter reuniões regulares de estudos bíblicos e de oração naquela localidade em casa do Irmão Augusto Gonçalves. A ideia duma igreja foi crescendo à medida que aumentava o número de pessoas que vinham assistir às reuniões. Começámos a encorajar-nos mutuamente neste sentido de tal maneira que quando surgiu uma oportunidade de alugar uma sala todos a agarrámos com ambas as mãos e com indizível alegria.

Na fase que precedeu a formação da igreja, os irmãos daquela área, assim como os irmãos da Igreja do Porto que habitam nessas proximidades, começaram a reunir-se com regularidade aos Sábados de tarde e, pela graça de Deus, foram formando um espírito de fraternidade e consagração excelentes para o arranque inicial do grupo como congregação. Na noite que precedeu a inauguração, muitos estiveram de vigília em oração e jejum. Essa noite de 14 para 15 de Novembro foi uma feliz e salutar experiência espiritual.

Finalmente chegou a hora da inauguração. A Igreja estava linda nesse dia. Os irmãos fizeram um grande esforço financeiro e fazendo provas de bom gosto e consagração conseguiram dispor duma sala simples mas funcional e muito apresentável. Como representante da Associação encontrava-se connosco o Pastor João dos Santos. Presentes também o Pastor Paulo Jorge Morgado e o

signatário. Igualmente presentes os representantes das diversas igrejas do Norte: Irmão António Soares, da Igreja de Espinho; Irmão Arménio, de Avintes; Irmão Cardoso, de Oliveira do Douro; Irmão José Fonseca, de Vila Nova de Gaia; Irmão José Amaral, da Igreja do Porto; Irmão Virgílio Faustino, de Matosinhos; Irmão Amadeu Mendes, de Vila do Conde e Irmão Gaspar Machado, de Braga, além de muitos outros irmãos.

Depois da saudação a todos os presentes, cada um dos representantes das igrejas nortenhas disseram na tribuna da alegria de que se sentiam possuídos por termos mais uma Igreja Adventista no Norte. Pudemos realçar juntamente com o Irmão Jaime Branco que a Igreja do Porto, como Igreja-Mãe no Norte, se continuava a sentir ligada por laços espirituais e fraternos com todas as igrejas adjacentes duma forma muito especial. Seguidamente, o Pastor João Santos tomou a palavra numa breve mas clara exposição em que mostrou a importância que advém do facto de sermos Adventistas do Sétimo Dia e por poderemos proclamar a nossa fé ali em Ermesinde e por toda a parte. Depois veio a hora da Escola Sabatina: a lição foi dirigida pelo Pastor Paulo Morgado e foi seguida com muito interesse pelo auditório. Na parte da tarde teve lugar um programa com os jovens e juvenis da Igreja do Porto. Ainda no âmbito das actividades de inauguração destacamos: Domingo 16, conferência pública sob o tema: O povo adventista e a saúde. Sábado 22, visita do grupo coral da Igreja de Leiria que nos agradou muito com as suas interpretações. Sábado 29, programa pelos jovens da Igreja de Matosinhos que, dirigidos pelo Pastor Paulo Mendes, nos deram o calor da sua presença amiga.

A Igreja de Ermesinde saúda a todos os irmãos espalhados pelo nosso País. Será um prazer para nós a vossa visita.

Possa o Senhor abençoar-nos a todos com a Sua divina graça e fervor missionário.

José M. Matos

A Mensagem Adventista no Mundo

UMA VEZ MAIS TREMERAM AS MONTANHAS

Foi no domingo, 23 de Novembro de 1980, às 19,35h, quando um desastroso choque nivelou os edifícios na região de Potenza, Itália. Mesmo alguns dias depois a extensão da catástrofe não era ainda conhecida plenamente. A tragédia matou 3 500 pessoas e destruiu dezenas de aldeias no sul da Itália.

Foi o terceiro terramoto fatal em 1980, que ocorreu no território da Divisão Euro-Africana.

(Nos Açores em 1 e 2 de Janeiro de 1980 e na Argélia em 10 de Outubro de 1980).

Desta vez uma vez mais a ajuda Adventista provou ser muito rápida e eficaz: embora não tenhamos a lamentar mortos entre os nossos membros de igreja e apenas uns poucos perderam as suas casas e haveres, o Serviço Mundial Social Adven-

tista pôs-se imediatamente em acção.

A Divisão Euro-Africana deu 80 000 francos suíços, cerca de 2.500.000\$00, que foram usados um dia depois para a compra de tendas e cobertores. 20 mais tendas estavam ainda disponíveis e guardadas na nossa igreja de Pisa, as quais haviam sido utilizadas num terramoto anterior, três anos antes, no norte da Itália, Frioul.

Todo este material foi transportado em camiões para a área devastada, onde chegou, juntamente com um grupo dos nossos

jovens, em 25 de Novembro de 1980.

Perto das ruínas daquilo que outrora fora a aldeia de Bella, a nossa equipa armou as tendas, nas quais 800 pessoas foram abrigadas da neve, chuva e ventos gélidos. O exército italiano não hesitou em deixar um caterpillar com a nossa equipa, que o utilizou para limpar o terreno e as ruas das ruínas e para a manutenção da cidade de lona, isto é, de tendas.

No Sábado seguinte foi levantada uma colecta em todas as igrejas da Itália que rendeu mais de 20 milhões de Liras (cerca de 1.212.000\$00) em roupas, cobertores, alimentos e dinheiro. Tudo isto chegou em poucos dias ao seu destino a Bella, Potenza e Avellino, os três lugares que nos tinham sido designados para a nossa ajuda. As autoridades ficaram muito gratas por esta ajuda substancial.

INFORMAÇÃO ADICIONAL

O desastre foi extremamente doloroso, devido às condições atmosféricas terríveis. Na noite após o primeiro tremor, que foi seguido por vários outros, a temperatura desceu a -10°C . A neve e o granizo, e nos vales mais profundos a chuva, transformaram os caminhos em poças lamaçentas. Os sobreviventes não ousaram, contudo, voltar para as suas casas danificadas. Pois muitas mais casas ruíram durante os tremores que se seguiram nos dias seguintes. O irmão Angelillo, um dos ajudadores, relatou que haviam abrigado um grupo de pessoas no compartimento mais sólido dum edifício escolar, quando o solo voltou a tremer e de imediato todas as pessoas correram para fora da casa, horrorizadas e a gritarem. Algumas horas mais tarde enquanto orava com as pessoas a casa foi outra vez sacudida fortemente. Mas ninguém entrou em pânico desta vez, sentiram a presença do Senhor e permaneceram calmos. Ninguém foi ferido.

Desde que as primeiras notícias alarmantes acerca do terrível terramoto chegaram de Mezzogiorno à nossa sede em Roma da «Opera Sociale Avventista» (Obra Social Adventista), que passou a haver fervorosa actividade no sentido de enviar ajuda e socorros para a área devastada do terramoto. Tal como relatou Paolo Tramuto, Secretário da OSA em Roma, suprimentos de tendas (algumas das quais haviam já sido utilizadas três anos atrás em Frioul e estavam disponíveis na igreja de Pisa), cobertores de lã, alimentos e dois geradores foram transportados em seis camiões para a área do terramoto umas escassas 48 horas após a catástrofe. A organização do socorro da Igreja Adventista Italiana manteve os seus centros de beneficência nas maiores cidades italianas, que se transformaram em pontos de recolha e distribuição de equipamento e material (roupas, cobertores de lã, sacos de dormir, etc.).

A organização internacional de Assistência Social Adventista com a sua sede em Berna, Suíça, doou prontamente 80 000 francos suíços à sua organização irmã (Opera Sociale Avventista) em Roma

para ajudar aqueles que haviam sofrido danos no terramoto do sul da Itália. Estudantes do «Istituto Avventista» em Florença, voluntários de muitas igrejas assim como antigos membros do serviço cívico formaram um grupo de remoção de entulho na área do desastre a partir do dia 26 de Novembro. O exército italiano pôs à disposição da OSA um bulldozer.

Suprimentos adicionais, especialmente cobertores de lã e tendas, foram transportados de avião para Itália vindos do «Seventh-Day Adventist World Service, Inc.» (SAWS), (Serviço Mundial de Assistência Social Adventista), dos Estados Unidos. As linhas aéreas italianas «Alitalia» ofereceram o transporte grátis.

Heinz Hopf

O HOSPITAL DO BONGO ESTÁ A TRABALHAR EM AUTO-SUFICIÊNCIA

Não é o lugar mais remoto do mundo. Mas também não está longe dele. O Bongo é um nome famoso entre os adventistas em Angola. Este lugar foi estabelecido em 1927 como ambulância e mais tarde como hospital. Desde então várias famílias se estabeleceram à sua volta, formando dessa maneira uma pequena aldeia nas terras altas africanas, a cerca de 70 Km da cidade capital da província do Huambo, que tem o mesmo nome, Huambo.

Há 18 meses atrás um jovem médico espanhol e a sua esposa tomaram conta da responsabilidade desta instituição. Passaram a ter que supervisionar cerca de 40 empregados, cuidar de 100 doentes internados e — em média — outros 100 doentes externos por dia. Além disto estão a ensinar aos seus assistentes cuidados médicos, agricultura e a darem estudos bíblicos.

É vital para eles cultivarem as suas próprias culturas para o seu pessoal, suas famílias e até para os seus doentes, incluindo as famílias dos doentes. O ano passado conseguiram colher 100 toneladas de milho. Embora a população da área seja paupérrima o médico conseguiu manter a instituição auto-suficiente, mesmo financeiramente. O jovem médico Farran Sabat e a sua esposa são os únicos europeus nesta parte do país.

CONCURSO DE CARTAZES SOBRE A EDUCAÇÃO ADVENTISTA

Novembro passado, o Departamento de Educação da Divisão Euro-Africana anunciou um concurso de cartazes sobre a Educação Adventista em toda a Divisão.

Cerca de 90 cartazes, alguns de elevada qualidade, foram recebidos de 7 países. Foram expostos durante o Conselho da Primavera da Divisão em Berna. Os representantes dos vários campos, assim como o pessoal da Divisão, foram convidados a expressar as suas preferências. As decisões

seguintes foram, deste modo, alcançadas: **Primeiro prémio** (1000 Francos Suíços) para Daniel Comabella e Javier Prats de Barcelona, Espanha, por um cartaz representando uma mão de adulto a segurar a mão dum criança, com um fundo de pequenas Bíblias abertas, com a frase «...uma educação que glorifica a Deus e beneficia a outros.»

Segundo prémio para Armand Deplano de Collonges-sous-Salève, França, por um cartaz representando um ramo de videira ricamente colorido com uvas e a projecção dum cruz, com as palavras «Educação Adventista.»

Terceiro prémio para Jan Barta da Checoslováquia, por um cartaz representando silhuetas de pessoas junto a um edifício, sobre um fundo dividido em quatro partes assimétricas por uma cruz, com as palavras «Vamos para a nossa escola.»

O cartaz vencedor será adaptado para reprodução a fim de ser usado nas nossas escolas, «halls» de entrada das nossas igrejas, escritórios denominacionais e reuniões de assembleias.

Serão feitas fotografias de alguns outros cartazes a fim de serem publicados nas revistas e periódicos denominacionais de acordo com o interesse e o espaço disponível.

Pietro Copiz
Director

do Departamento de Educação
da Divisão Euro-Africana

SANATÓRIO LA LIGNIÈRE

Foi celebrado o 75º aniversário do nosso Sanatório La Lignière, Suíça, em 20 de Dezembro de 1980 na presença do Pastor E. Ludescher, presidente da Divisão Euro-Africana, e outras autoridades civis e religiosas do país.

CALENÁRIO DAS ACTIVIDADES PARA AGOSTO DE 1981

- 1 — Oferta para as Actividades Locais
- 26/7 a 5/8 — Acampamento Nacional de Tições
- 9 a 16 — Acampamento Nacional de Jovens
- 16 a 23 — Acampamento de Famílias Adventistas
- 24 a 30 — Acampamento Nacional de Desbravadores
- 31/8 a 6/9 — Convenção de Obreiros

CONVENÇÕES INTERNACIONAIS

- 17/7 a 8/8 — Curso para Estagiários em Florença, Itália
- 23/7 a 6/8 — Jamborée de Desbravadores no Sul da França

Colecção «Palavras de Vida»

Eis alguns temas desta colecção:

A Solução é Cristo

- A necessidade de confiar, conhecer e aceitar a Deus

Seguro Social Divino

- Confiança no Plano que Deus tem para nós
- Recompensa do Mordomo fiel

Quem são os Adventistas?

- Gente optimista
- Confiança na Bíblia
- Amigos de Jesus
- Um povo saudável

A Doutrina do Arrebatamento Secreto

- A Hora do Arrebatamento
- Crenças Populares
- Acontecimentos relacionados com a vinda de Cristo

Do Sábado para o Domingo

- A mudança da observância do Sábado
- Como, porque e por quem foi feita a mudança
- A posição do protestantismo

Peça-os ao Secretário da Sociedade Missionária da Sua Igreja ou à:

Publicadora Atlântico, S.A.R.L.
Rua Salvador Allende, lote 18 - 1.º
2686 SACA VEM Codex